

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMI
FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290003412



11

1CC/UNICAMP P655L

TALITA BERNARDES PINHEIRO

COM A CÂMERA NAS MÃOS:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A LEITURA E PRODUÇÃO DE
IMAGENS FOTOGRÁFICAS POR ALUNOS DE TERCEIRA SÉRIE DO
ENSINO FUNDAMENTAL.

200802978

CAMPINAS
2007

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

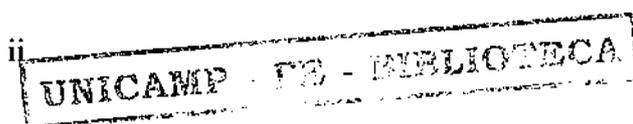
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TALITA BERNARDES PINHEIRO

COM A CÂMERA NAS MÃOS:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A LEITURA E
PRODUÇÃO DE IMAGENS FOTOGRÁFICAS POR ALUNOS DE
TERCEIRA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Monografia apresentada como exigência parcial para a conclusão do curso de Pedagogia pela Faculdade de educação da Unicamp, sob orientação da Profª Drª Roseli Aparecida Cação Fontana.

CAMPINAS
2007



UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	TCC/UNICAMP
	P655c
V.....	
.....	3412
PROC.....	129/08
.....D:..	X
PREÇO:.....	11,00
DATA:.....	29/02/08
Nº CPD:.....	426749

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

P655c	Pinheiro, Talita Bernardes. Com a câmera nas mãos : um relato de experiência sobre leitura e produção de imagens fotográficas por alunos da terceira série do Ensino Fundamental / Talita Bernardes Pinheiro. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007. Orientador : Roseli Aparecida Cação Fontana. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Imagens fotográficas - Produção. 2. Leitura. 3. Ensino fundamental. I. Fontana, Roseli Aparecida Cação. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	07-634-BFE

Orientadora:

Profª Drª Roseli Aparecida Cação Fontana

Segunda Leitora:

Profª Drª Maria Helena Salgado Bagnato

*Dedico este trabalho a minha querida
mãe e amiga Abigail.*

Agradeço

A minha professora e orientadora Dr^a Roseli Ap. Cação Fontana, que tantas vezes me devolveu a tranqüilidade e teve a paciência para me escutar e me orientar.

Ao meu companheiro, Diego, que suportou meus muitos dias ruins e bons, meus dias de tristeza e choro e com a calma e paciência, que só ele tem me estimulou, animou, deu dicas e cedeu o computador quando ele também precisava usá-lo.

A minha grande amiga Marcela Stamponi, que com seu jeito atrapalhado e desesperado, sempre me apoiou e tornou esses quatro anos de curso mais fáceis, alegres e inesquecíveis.

Ao meu pai Cleber, ao meu irmão Hyran e toda minha família pela compreensão das minhas ausências e poucas visitas durante esse ano.

A minha querida mãe, Abigail, que renunciou a tantas coisas para que eu pudesse estudar; que sempre me ensinou a não desistir, que me ensinou a fazer planos e os caminhos certos para alcançá-lo; que sempre me apoiou incondicionalmente, que deu broncas nas horas certas e me estendeu a mão quando precisava e, principalmente, pelo seu amor por ser professora, pela fé na educação e pela confiança de que serei uma boa professora.

RESUMO:

Este trabalho é um relato de experiência desenvolvido por mim, como professora, com os alunos de uma terceira série do Ensino Fundamental. O objetivo da experiência nele abordada foi o de possibilitar às crianças a leitura e a produção de imagens fotográficas.

Meu desejo de fotografar quando criança me impulsionou a colocar a câmera nas mãos dos alunos possibilitando-lhes registrar aspectos do mundo. Além disso, a falta de qualidade, tanto do ponto de vista estético quanto do ponto de vista da reprodução, das imagens no material didático e a utilização empobrecida das suas possibilidades como linguagem mobilizaram-me a trabalhar com a leitura de imagens fotográficas.

O registro sistemático de todas as etapas da combinatória dessas duas frentes de trabalho - leitura e produção - resultou na narrativa da experiência vivida, que foi analisada a partir dos estudos de Barthes (1984) e Kossoy (2002) sobre a produção fotográfica. O primeiro enfatizando a posição do observador, ajudou-me a compreender as relações distintas do *Spectador* e do *Operator* e a mediar a vivência dessas relações pelos alunos. O segundo ajudou-me a compreender as condições de criação da imagem fotográfica.

A partir da realização desse trabalho venho reunindo alguns indicadores da maior atenção dedicada pelos alunos às imagens com que entram em contato no espaço da escola e fora dele. Os alunos demoram-se mais na exploração de imagens e trazem para a escola imagens fotográficas que lhes chamam a atenção. Manifestam, também, uma certa familiaridade com relação aos fotógrafos cuja produção apresentei a eles. Há também indicadores da apropriação e elaboração da fotografia como uma forma de linguagem e o relato de familiares sobre o interesse das crianças pela fotografia, sobre o desejo manifestado de ter equipamento fotográfico e sobre o interesse em produzir fotografias sobre seu cotidiano.

SUMÁRIO

1- Introdução	1
2- A caixa de história	7
3- Falando sobre fotografia.....	10
4- A imagem fotográfica no material didático	15
5- Vendo o que não está lá.....	20
Trem de trabalhadores	25
Trabalhadores da cana.....	26
Guerra.....	27
Mão do velho.....	28
Aprendendo escrever.....	29
Fofocando	32
O soldado.....	33
Preconceito	34
A enchente	35
6- De Spectador a Operator.....	38
7- O que eu não gosto no meu bairro?	40
8- O que eu gosto no meu bairro?.....	68
9- Sendo Spectador da sua fotografia	96
10- Olhares atentos.....	99
11- Breves considerações finais.....	108
Bibliografia	110

ÍNDICE DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 4-1: Morador de Rua, Gustavo Cristóforo	16
Fotografia 5-1: O pescador, Artur Franco, 2006.....	20
Fotografia 5-2: ... pela estrada afora, Artur Franco, 2007.	23
Fotografia 5-3: Church Gate Station, Sebastiao Salgado, 1995.....	25
Fotografia 5-4: Sugar-cane Plantations, Sebastião Salgado, 1987.....	26
Fotografia 5-5: Turanj, Krajina , Sebastião Salgado, 1994.....	27
Fotografia 5-6: Tea Plantation, Sebastião Salgado, 1991.....	28
Fotografia 5-7: Sem nome, Hugo Delgado, 2005.....	29
Fotografia 5-8: Tocar para viver..., Avelino Oliveira, 2007.....	30
Fotografia 5-9: A conversa, Artur Franco, 2007.	32
Fotografia 5-10: Guerra em Tempo de Paz?, Raul Alexandre, 2007.....	33
Fotografia 5-11: Only – Sérgio Redondo, 2007.....	34
Fotografia 5-12: Enchente que me leva! Cris Oliveira, 2005.....	35
Fotografia 7-1: O lixo, AS, 2007.....	40
Fotografia 7-2: Campo, AAL, 2007.	41
Fotografia 7-3: A casa suja, AG, 2007.....	42
Fotografia 7-4: A viela, APD, 2007.....	43
Fotografia 7-5 O Mato, AS, 2007.....	44
Fotografia 7-6: A rua onde eu moro é perigosa, BS, 2007.....	45
Fotografia 7-7: O matagal, CR, 2007.....	46
Fotografia 7-8: Campo, DL, 2007.	47
Fotografia 7-9: O poste, FAJ, 2007.....	48
Fotografia 7-10: O terreno sujo, FS, 2007.	49
Fotografia 7-11: Na minha cidade, FP, 2007.....	50
Fotografia 7-12: Muito lixo, GP, 2007.....	51
Fotografia 7-13: Bueiro malvado. GG, 2007.....	52
Fotografia 7-14: Rua perigosa, IM, 2007.	53
Fotografia 7-15: O mato, JS, 2007.....	54
Fotografia 7-16: O lixão, JG, 2007.....	55
Fotografia 7-17: O mato, JL, 2007.....	56
Fotografia 7-18: Muito Lixo, LP, 2007.	57
Fotografia 7-19: Ai, que altura!, LFF, 2007.....	58
Fotografia 7-20: A Anhanguera, MCPS, 2007.....	59
Fotografia 7-21: As árvores, MS, 2007.	60
Fotografia 7-22: A florestinha, MB, 2007.....	61
Fotografia 7-23: Poluição, NS, 2007.....	62
Fotografia 7-24: Imundr, RS, 2007.....	63
Fotografia 7-25: A poluição, RO, 2007.....	64
Fotografia 7-26: Esse não é meu lar, SS, 2007.	65
Fotografia 7-27: A coisa mais lixo, WP, 2007.....	66
Fotografia 7-28: Perto da minha casa, RAR, 2007.	67
Fotografia 8-1: As árvores, AL, 2007.	68
Fotografia 8-2: A máquina, AAF, 2007.	69
Fotografia 8-3: A casa do meu amigo, AG, 2007.....	70
Fotografia 8-4: A rua onde eu moro, APD, 2007.	71
Fotografia 8-5: A minha casa, AS, 2007.....	72
Fotografia 8-6: O esporte é bom para saúde, BS, 2007.....	73
Fotografia 8-7: Educação, CR, 2007.	74
Fotografia 8-8: A casa que minha mãe aluga, DL, 2007.....	75
Fotografia 8-9: Paisagem, FAJ, 2007.	76
Fotografia 8-10: A casa do meu melhor amigo, FS, 2007.....	77
Fotografia 8-11: Eu gosto disso, FP, 2007.	78
Fotografia 8-12: Soltar pipa, GP, 2007.....	79

Fotografia 8-13: A florestinha boa, GG, 2007.....	80
Fotografia 8-14: Futebol, IM, 2007.....	81
Fotografia 8-15: A casa linda, JS, 2007.....	82
Fotografia 8-16: O parquinho, JG, 2007.....	83
Fotografia 8-17: Onde me escondo, JL, 2007.....	84
Fotografia 8-18: Futebol, LP, 2007.....	85
Fotografia 8-19: A super Bola, LFF, 2007.....	86
Fotografia 8-20: A padaria, MCPS, 2007.....	87
Fotografia 8-21: A natureza, MS, 2007.....	88
Fotografia 8-22: A pracinha, MB, 2007.....	89
Fotografia 8-23: O ar puro, NS, 2007.....	90
Fotografia 8-24: A rua da minha casa, RS, 2007.....	91
Fotografia 8-25: O parquinho, RO, 2007.....	92
Fotografia 8-26: A rua, SS, 2007.....	93
Fotografia 8-27: Futebol, WP, 2007.....	94
Fotografia 8-28: Eu gosto de jogar futebol, RAR, 2007.....	95
Fotografia 10-1: Essa fotografia e de microorganismos na África, Grupo1.....	100
Fotografia 10-2: Fotografia de Chernobyl, Grupo 2.....	102
Fotografia 10-3: Fotografia de uma tribo num ritual, Grupo 3.....	102
Fotografia 10-4: Fotografia da bomba atômica, Grupo 4.....	103
Fotografia 10-5: Fotografia da passagem de um tornado, Grupo 5.....	103

1- Introdução

A fotografia é uma técnica de gravação, fixação, da imagem por meio mecânicos e químicos num material sensível à luz. A palavra deriva das palavras gregas foto ("luz"), e grafia ("gravar", "escrever") significando "desenhar com luz" ou "representação por meio de linhas", "desenhar".

Como toda imagem, a fotografia é a ausência do objeto, mas diferente das demais imagens, como a pintura e o desenho, por exemplo, ela autentica a presença real do objeto no passado.

O objeto que ela refere, conforme assinala Marques (1990, p.13):

não é facultativamente real, é necessariamente real no passado com o qual rompeu ao se fixar: esteve lá, lá existiu prestando-se ao registro químico dos raios que dele emanavam. Nela o poder de autenticação prima sobre o de representação. Nela se dá o mistério da concomitância do passado e do real.

Daí, Susan Sontag (1981) afirmar que o pintor constrói, enquanto o fotógrafo desvela. Desvela porque na fotografia o real – ainda que resultante de uma montagem – quebra o caráter da imagem. Durante a pose, destaca Marques (op.cit.) inspirado em Barthes (1984), *o objeto se instala no interior da fotografia, emprestando-lhe singular poder documental de referência, dotando-a de peculiar linguagem não metafórica, tornando-a incapaz de mentir sem, no entanto, fazê-la apta a, na realidade da imagem, expressar por inteiro a verdade dela.* (p.13)

É precisamente essa ambigüidade que a torna expressiva e a transforma em desafio e estímulo, pois a fotografia tanto atesta que houve um interesse cultural por algo, frente ao qual se optou por conservar na película, quanto não tem como assegurar uma significação única e determinada àquilo que registrou.

Barthes, nesse sentido, diz que a fotografia não sabe dizer o que permite ver. Ela lida com aparências que não traduz e abre caminho a múltiplas interpretações.

Ao referenciar contextos, condutas e artefatos numa situação passada de interações, assinala Marques (op.cit., p.17), *a imagem fotográfica se presta a uma multiplicidade de leituras em diferentes níveis*. O olho, analisa ele, pode demorar-se indefinidamente na imagem produzida *descobrimo nas minúcias constelações inúmeras de relações e significados (idem) ou construir tramas em que a imagem em suas particularidades ganhe sentido. (idem)*. Porque não enumera, mas evoca idéias, sentimentos e significados frente àquilo que registra, a fotografia é linguagem.

Como linguagem a fotografia nos possibilita registrar e apreender aspectos do mundo que são reveladores da nossa visão de mundo, das nossas emoções, da nossa imaginação. Ela não leva a conclusões definitivas, nem comporta uma única leitura, mas *presta-se certamente a fecundar a imaginação criadora indispensável ao desenvolvimento de qualquer ciência*. (Marques, op.cit.,p.16).

Em uma longa citação, que decidi manter neste texto, Kossoy analisa a fotografia como produtora de efeitos de sentido. Diz ele que:

A fotografia estabelece em nossa memória um arquivo visual de referência insubstituível para o conhecimento do mundo. Essas imagens, entretanto, uma vez assimiladas em nossas mentes, deixam de ser estáticas; tornam-se dinâmicas e fluidas e mesclam-se ao que somos, pensamos e fazemos. Nosso imaginário reage diante das imagens visuais de acordo com nossas concepções de vida, situação sócio-econômica, ideologia, conceitos e pré-conceitos.

Não obstante, todo o conhecimento e experiência que temos acumulado ao longo de nossas vidas – que injetamos quando de nossa leitura das imagens – necessitamos ainda recorrer à imaginação. Por outro lado, somos seres carregados de emoção. E, felizmente, nossas emoções não são programadas, nossas reações emocionais podem ser, em função dos estímulos externos, imprevisíveis. Ainda bem que assim é, caso contrário seríamos robôs, replicantes.

É por tudo isso que o conteúdo das imagens visuais provoca em cada um de nós impactos diferentes; em função disso, também, é impossível haver “interpretações-padrão” sobre o que se vê registrado nas imagens.

A imagem fotográfica é o relê que aciona nossa imaginação para dentro de um mundo representado (tangível ou intangível), fixo na sua condição documental, porém moldável de acordo com nossas imagens mentais, nossas fantasias e ambições, nossos conhecimentos e ansiedades, nossas realidades e ficções. A imagem fotográfica ultrapassa, na mente do receptor, o fato que representa. (Kossoy, Realidades e ficções na trama fotográfica, p.45-46)

O gosto pela fotografia, em minha história pessoal, vem de muito tempo, desde minha infância. No começo a fotografia era o retrato, o registro de acontecimentos e situações vividas por mim e minha família. Depois, na convivência com sua presença abundante em nossa sociedade, fui-me familiarizando com outros usos, formas e sentidos da fotografia, aproximando-me dela como linguagem. E, então, a fotografia passou a me atrair como possibilidade de expressão.

Nessa trajetória, a parte técnica da fotografia (abertura, exposição, foco, quadrante, ângulo, etc.), relacionada a sua produção, nunca tinha sido de muito interesse para mim, pois as condições financeiras não me possibilitavam o acesso a essa dimensão da prática fotográfica. Embora desde menina eu tivesse um grande desejo de manipular a "máquina" e produzir registros fotográficos, o alto valor que as câmeras tinham restringiram meu contato com elas, sacralizando-as como objetos de valor, intocáveis pelo risco de que se quebrassem. Além disso, havia o gasto com filmes fotográficos e revelações, que me limitaram a fotografias esporádicas.

Com as câmeras fotográficas digitais, um barateamento desses equipamentos a prática da produção da fotografia viabilizou-se e meu interesse enveredou-se por essa parte técnica, abrindo a possibilidade de uma expressão maior e uma compreensão melhor de outras fotografias.

Essa trajetória pessoal, entrelaçada à professora em formação, alimentou o desejo de, quando em sala de aula, usar a fotografia como uma forma de expressão, de documento histórico, de linguagem. Ao começar lecionar numa escola municipal de Vinhedo, no estado de São Paulo, percebi a possibilidade do uso da fotografia como linguagem, logo nos primeiros meses de trabalho, observando os usos da fotografia no material didático.

No material didático disponibilizado pelo município não havia uma preocupação

acerca das possibilidades da imagem fotográfica. As fotografias nele contidas eram pequenas, pessimamente reproduzidas – cores opacas, baixa definição – e serviam sempre como ilustração dos textos, não aproveitando o potencial que fotografia possui como linguagem, não a reconhecendo, nem valorizando como meio de expressão autônoma, liberada por força de sua linguagem não-verbal, que comporta leituras e interpretações.

Interessada na fotografia remetida a ela mesma, valorizada como linguagem, decidi compartilhar com as crianças a experiência de nos depararmos com uma foto acabada, solta no espaço e no tempo e de nos indagarmos sobre o significado dela; de experimentarmos a aprender com as fotografias sobre experiências vividas e nelas referenciadas, seja em circunstâncias próximas no tempo histórico e no espaço social das crianças, seja em circunstâncias alheias a sua experiência imediata.

Considerando que fotografia abre um leque de possibilidades a serem trabalhadas, podendo ser fontes riquíssimas de informações e ponto de partida para os conteúdos exigidos pela escola, lancei-me nesse caminho, inicialmente questionando com os alunos as imagens contidas no material didático e, gradativamente, oferecendo a eles outras possibilidades de imagens.

Aliado a isso, também havia o desejo de problematizar a imagem que nos bombardeia, a todo momento, na sociedade e que vivemos. Quando ligamos a televisão, ao folhearmos uma revista, na internet, andando pelas ruas, nos supermercados, vemos dezenas de imagens e as naturalizamos. Expostos a seus signos e sentidos, normalmente os absorvemos juntamente com as palavras que os acompanham, com o meio e o suporte em que estão sendo veiculadas, com o entorno em que as encontramos. Nessa convivência com a imagem e seus modos de veiculação pelos meios de comunicações e pela publicidade nosso olhar tem sido educado.

Segundo Kossoy (2002) as fotografias veiculadas nos meios de comunicação podem ter um conteúdo transferido de contexto, criando assim uma nova verdade, uma ficção documental, ou seja, receber um tratamento com intuito de direcionar a leitura dos receptores, influenciar no processo de construção da interpretação.

Valendo-se da natureza físico-química da fotografia, que ao longo do tempo infundiu-lhe o caráter de prova incontestável da verdade, do real, a publicidade e os meios de comunicação procuram regular e constranger os efeitos de sentido suscitados pelas imagens. Para recuperar a polissemia da fotografia como linguagem, torna-se necessário decifrar a realidade interior de algumas fotografias, de modo a não ficarmos estagnados na mensagem ideológica que alguns grupos atribuem a algumas fotos, já que “as fotografias são datadas no espaço e tempo e com isso têm seus desdobramentos históricos, sociais, culturais e etc.” (Kossoy, pg. 26, 2002).

Ou seja, ainda que “o que a fotografia reproduz ao infinito só ocorre uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (Barthes, pg. 13, 1984), segundo Kossoy (2002), não podemos esquecer que o ato fotográfico se configura como uma escolha do fotógrafo, escolha permeada pelas coordenadas de situação (espaço e tempo), além do assunto. Há sempre uma motivação para a criação e isto influencia na concepção e construção da imagem final. Sendo assim a fotografia é uma *representação a partir do real*, mas que não pode ser compreendida independente do seu *processo de construção da representação*.

Levando em conta todos esses aspectos e considerando que a leitura do observador além de permeada pelas condições já mencionadas, também assenta-se nas suas concepções de mundo que, de certa forma, são construídas ao longo do tempo pela exposição a diversas imagens fotográficas, meu intuito, ao incorporar a fotografia como linguagem ao trabalho pedagógico, foi o de possibilitar aos meus alunos momentos de reflexão a partir de imagens.

Mas meu desejo de fotografar quando criança não ficou de fora. Ele me impulsionou a colocar a câmera nas mãos dos alunos de modo a possibilitar que eles fossem os fotógrafos, que registrassem aspectos do mundo, que vivessem esse fugaz momento de criação, do processo de construção da representação.

A narrativa dessa experiência é o que apresento a seguir, na ordem cronológica em que se desenrolaram e foram documentados os pequenos eventos cotidianos de nossos – meu e de meus alunos - encontros com a fotografia como linguagem no interior da sala de aula.

2- A caixa de história

Durante o primeiro bimestre de aula percebi que os alunos da minha sala, e talvez da escola toda, tinham uma auto-estima baixa, pouco sentimento de pertencimento de grupo e sempre se desvalorizam e ao bairro em que viviam e estudavam, frente aos demais moradores de Vinhedo.

Apesar de nascidos e/ou crescidos naquele bairro, pouco conheciam a história e a história da cidade em que se inseria, visto que em sua grande maioria meus alunos eram filhos de moradores novos naquele local, que vindos de outros lugares, por algum motivo haviam ali se instalado.

Esse desconhecimento da história local ficou muito evidente durante a realização de uma pesquisa, proposta pelo material didático fornecido pelo município, em que os alunos deveriam entrevistar moradores antigos para saber as transformações que ocorreram na cidade. Poucos alunos fizeram a proposta solicitada, já que não conheciam ou não tinham acesso a moradores antigos da cidade ou bairro. A maioria das respostas que chegaram como resultado da pesquisa foram informações genéricas, porém corretas, do tipo: “Antes aqui havia matas que foram destruídas para a construção da cidade” ou “Antes havia poucas casas e agora há muitas porque a cidade cresceu”.

Embora o bairro, onde a escola se situa, concentre a maioria da população da cidade, tornando-se desta forma objeto de “manipulação política”, ele é alvo de preconceito dos demais moradores de Vinhedo, sendo tratado como bairro periférico não apenas por estar longe no centro da cidade, por ser deixado à margem pelo poder público, mas também (e principalmente) pela condição social da maioria de seus moradores: migrantes que se dedicam a ocupações de baixa renda.

Os próprios moradores do bairro e os alunos acabam compactuando com essa mentalidade, enunciando-se depreciativamente, agindo como inferiores aos moradores

dos outros bairros e não tendo a devida noção do impacto político e do poder que podem vir a ter, desde que unidos e conscientes.

Com essas informações em mente elaborarei um projeto de trabalho visando a valorização do aluno e a história de sua família, um conhecimento do bairro e da cidade, a conscientização de problemas e “coisas boas” do local onde vivem e das possibilidades de mudanças.

Para tanto trabalhei inicialmente com a “Caixa da História” onde as crianças, colocavam suas memórias: fotografias, recortes das coisas que gostavam, desenhos de momentos felizes ou tristes, árvores genealógica (dos bisavós até eles, incluindo tios e primos), história da família (onde e quando nasceram e porque mudaram) e a biografia do aluno.

Para compor a Caixa da História os alunos tiveram que escrever sobre a história de suas famílias, reunir documentos e fragmentos dessa história e abordar sua chegada ao bairro.

Para ter um envolvimento maior dos alunos criei dois personagens, os fantoches Aninha e Carlinhos que sempre apresentavam as atividades a serem desenvolvidas, compartilhando com as crianças seu passado, seu presente e sonhos com o futuro. Esses personagens levaram para a sala de aula suas fotografias de família, desde a bisavó até chegar a eles. Contaram as histórias de seus bisavós, avós e de seus pais.

Nesse projeto, a fotografia foi trabalhada como retrato, já que a solicitação era justamente essa, trazer fotografias da família. Apenas quatro crianças não tinham fotografias da família ou os pais não permitiram que levassem as fotos para a escola. Solicitei que elas desenhassem um momento que tinham na memória. Durante essa atividade três crianças refizeram o desenho colocando mais detalhes para que esse chegasse mais perto da representação fotográfica.

Essas fotografias foram trabalhadas como recurso da memória, como uma forma de contar a história da família. Como atividade, trabalhamos a descrição da foto¹: lugar, ocasião, descrição dos ambientes e das pessoas que estavam nela.

¹ Não colocarei essas fotografias nesse trabalho por serem pessoais.

3- Falando sobre fotografia

Ao trabalhar com as fotografias com as crianças procurei saber quais eram suas experiências com essa prática e como a significavam. Para tanto, decidi conversar com elas sobre tal assunto.

Iniciei a conversa perguntando quem já havia visto uma fotografia e quem já havia sido fotografado. Todos levantaram a mão. A pergunta seguinte foi quem já havia fotografado alguém ou alguma coisa? Para essa pergunta poucos se manifestaram, para ser mais exata, sete alunos, que disseram que já haviam pegado a máquina fotográfica.

Para esses sete perguntei quais fotografias eles haviam tirado, ou seja, como eram essas fotografias. Todos responderam que eram fotografias de pessoas em festas ou em ocasiões especiais.

Por fim perguntei para todos os alunos qual deles já havia visto um alguém fotografar, sem ser ele o fotografado. Todos os alunos levantaram a mão novamente, e perguntei quais fotografias eram essas que eles haviam visto sendo tiradas. A resposta foi a mesma da pergunta anterior, eram fotografia de pessoas em ocasiões festivas.

Foi então que perguntei para que serviam as fotografias. As respostas foram variadas, mas a mais recorrente foi a de registrar para guardar momentos importantes, como o casamento, festa de aniversário. Alguns alunos lembraram que durante viagens já viram seus pais ou outras pessoas tirarem fotos como uma forma de não esquecer o lugar para onde haviam viajado ou para provar que estiveram lá.

Questionei se era apenas isso que poderia ser fotografado, se a fotografia não poderia ser usada em outros momentos, instigando-os a pensar em outras situações em

que a fotografia costuma ser usada. Em resposta, os alunos se lembraram das fotografias de guerra, de paisagem, de modas, de cidade e de eventos esportivos que aparecem nos jornais ou nas revistas, com função ilustrativa, servindo como prova do que está sendo dito.

Enfatizaram a fotografia de moda, em que as modelos vestem uma roupa, são fotografadas e depois as revistas publicam essas fotos para que as pessoas possam ver e comprar. Percebi que o assunto moda tem uma importância muito grande para as meninas. Muitas delas demonstraram o desejo de se tornarem modelos e a fantasia de que todas as modelos recebem salários altos, possuem uma vida fácil, têm fama e a possibilidade de viajar por diversos lugares. A contrapartida desse desejo entre os meninos, além de serem jogadores de futebol, era o de casarem com uma modelo e usufruir dos benefícios da carreira da esposa. Uma combinação perfeita, aos olhos das crianças, era o casal: modelo-jogador de futebol.

A partir das fotos de moda, alguns alunos lembraram-se das fotos de móveis, alimentos, produtos em geral que também são fotografados para serem vendidos, num processo parecido com a publicidade da moda.

Durante a discussão eu fui anotando os usos e intenções identificados por eles na lousa, de forma a não nos repetimos excessivamente e também para não esquecermos o que já havia sido dito.

O esquema na lousa ficou assim:

“Fotografias:

- Pessoas;
- Festas;
- Guerra;
- Paisagem
- Jornal ou revistas;

- Publicidade (Moda, produtos)."

Proseguí a conversa explicando o processo pelo qual a imagem é formada na fotografia. Depois contei a história da fotografia, de quando surgiu até os dias de hoje, resumidamente e sem muitos detalhes técnicos. Enquanto eu contava, eles se manifestavam de várias maneiras, desde interjeições até perguntas e comentários.

Depois dessa "explicação" conversamos sobre quem são os envolvidos na imagem fotográfica e chegamos, inicialmente, à conclusão de que são: o fotógrafo, os fotografados e quem faz a revelação (que pode ser o próprio fotógrafo, desde que tenha o material necessário).

Eu trouxe, então, para a conversa a figura daqueles que vêem as fotos, lembrando que também são partícipes da sua circulação. Fotos são feitas para serem vistas e os fotógrafos têm em mente, projetam os leitores de suas fotos, especialmente aqueles que trabalham na publicidade.

Barthes, no livro *A Câmara Clara* (1984) chama de *spectador* àquele que olha para a fotografia, não do ponto de vista do fotógrafo ou do especialista preocupado com os aspectos técnicos ou artísticos, mas desse observador, que somos todos nós, quando *compulsamos, nos jornais, nos livros, nos álbuns, nos arquivos, coleções de fotos* (p.22). A atitude do *spectador* frente à foto, suas intenções podem ser as mais variadas, apontando para um campo vasto de significações que vão da informação, do reconhecimento, que se inscrevem na ordem do intelecto, do estudo (*studium*), à imaginação e ao afeto (*punctum*).

Os alunos demonstraram interesse em saber como se faz a revelação fotográfica. Expliquei que isso não seria possível, pois não tínhamos um local adequado na escola e nem os materiais que são usados. Isso entristeceu a todos, os alunos e a mim. Acredito que a possibilidade de fazer essa revelação seria interessante também para construir um

outro significado para a fotografia, porém a escola de fato não tem um local adequado para tal atividade, além do custo dos materiais.

A conversa continuou em torno da seleção da imagem a ser fotografada, remetendo ao olhar do fotógrafo. Esse outro olhar que Barthes denomina de *operator*, que *olha, limita, enquadra e coloca em perspectiva o que ele quer captar (surpreender)*. (op. cit.,p.23). Como o fotógrafo escolheria o que iria fotografar? Concluímos que haveria várias possibilidades, dependendo da função daquela imagem. Por exemplo, um fotógrafo de moda teria que focar as roupas que as modelos estão vestindo. Ele até poderia fotografar outras coisas durante o desfile, mas o que seria necessário garantir para a publicação seriam as fotografias que mostrassem as modelos com suas “roupas da moda”. O mesmo aconteceria com os fotógrafos de produto, pois o trabalho deles é justamente esse: fotografar os produtos, para serem publicados em revista e jornais, para as pessoas poderem saber como é e comprar.

Já os fotógrafos de matérias jornalísticas teriam que fotografar cenas que mostrem (ilustrem) o que a matéria do jornal irá dizer, se o texto do jornal está dizendo sobre as vítimas de uma explosão ele não poderá colocar a foto de pingüins ou de cavalos numa corrida². E o fotógrafo de casamento não irá colocar no álbum a fotografia de um show de *rock*.

A discussão terminou assim, pois já era hora de guardar o material.

A fala dos alunos³ mostrou-me que eles percebem que há uma intencionalidade no ato de fotografar, principalmente nas fotografias mais recorrentes nos tipos de mídias a que esses alunos têm acesso. Como obra humana a fotografia se inscreve no mundo da intencionalidade: há razões e motivos para produzi-la e guardá-la e o processo de

² Esse exemplo foi dado por um dos alunos.

³ Nesse momento a discussão se concentrava em torno de dez alunos. Quanto aos outros alunos, a maioria escutava e alguns faziam outra coisa (desenhavam, rabiscavam no caderno ou conversava com o aluno ao lado.)

construção da representação consiste também de uma escolha que é permeada pela visão de mundo e intencionalidade do fotógrafo. Cada fotógrafo tem sua maneira de ver o mundo, tem seu estilo, tem interesses temáticos. E esse olhar se encontra com o olhar daquele que vê a fotografia produzida. Assim, como destaca Barthes, em toda fotografia existem pelo menos dois observadores e duas observações, distanciadas no tempo e no espaço.

Sabemos que atualmente as imagens fazem parte do universo cotidiano dessas crianças. Televisão, cinema e revista⁴ de alguma maneira são acessíveis a todas elas, dessa forma estão expostos diariamente a todo tipo de imagem, principalmente a imagens com intencionalidade mais explícita, como as publicitárias.

Saber que há intencionalidade na imagem, principalmente num momento de discussão em sala de aula, identificar algumas dessas intenções, não quer dizer que os alunos não sejam influenciados pelas imagens a que são expostos todos os dias, não quer dizer que eles pensem na intencionalidade ou a percebam a todo o momento. Porém como seria essa percepção se a escola possibilitasse aos alunos atividades de análise e discussão dos signos da imagem fotográfica?

Como seria se a escola incorporasse de forma mais crítica a utilização de imagens (fotográficas ou não) na sala de aula, já que essas atuam de forma incisiva na formação dos alunos, por estarem fortemente presentes no cotidiano? A ênfase dada pela escola situa-se na escrita, esquecendo que os alunos possuem muito contato com imagens. O que aconteceria se a escola possibilitasse aos seus alunos momentos de análise e discussão das imagens fotográficas?

⁴ Não inclui jornal, pois segundo os alunos, eles não têm acesso. Também não inclui a internet, pois apenas três alunos têm computador em casa e desses só um tem acesso a internet (que é discada e controlada pela mãe) e outros dois frequentam *lan house* esporadicamente.

4- A imagem fotográfica no material didático

Mobilizada por essas constatações e indagações, propus-me a trabalhar de modo mais regular com a leitura de imagens, explorando inicialmente o material didático.

Numa aula de geografia, durante a realização da atividade na apostila, surgiu a oportunidade de conversar sobre a fotografia. Em um tópico sobre o trabalho humano, havia um exercício que solicitava que os alunos fizessem uma produção textual a partir de uma fotografia de um homem deitado num banco de praça.

Este exercício estava entre outros, porém muitas dúvidas surgiram. Os alunos diziam que não sabiam exatamente o que era para fazer, diziam que não estavam "entendendo bem a foto". A insistência com que recorriam a minhas explicações indicou-me que era necessário que analisássemos juntos a fotografia.

A visão ativa da fotografia, conforme assinala Marques (1990, p.19), deve iniciar por uma boa análise visual dos elementos nela contidos. A captação dos aspectos estruturais mais evidentes precede ao registro dos detalhes individualizantes. Começamos, então, identificando os elementos da fotografia, seguimos para a apreensão dos detalhes e, finalmente, para os sentimentos que aquela imagem suscitava.

A imagem fotográfica estava ruim, por vários motivos: as cores estavam opacas (acredito que devido ao tipo de papel da apostila) e era pequena (8 cm x 5,5cm).



Morador de rua

Fotografia 4-1: Morador de Rua, Gustavo Cristóforo

A apostila apresentava como fotógrafo Gustavo Cristóforo⁵ e como título da fotografia "Morador de Rua".

A primeira coisa que pedi aos alunos foi que observassem quais eram os elementos que estavam na fotografia, ou seja, o que compunha a cena registrada na fotografia. Nessa primeira observação da foto percebemos árvores, um banco de praça, o que nos levou a supor que a foto foi feita em uma praça de alguma cidade, um carro passando atrás, um homem de camiseta, calça jeans e sapato deitado no banco, uma sacola plástica junto a ele. O dia parece ensolarado. Essa condição é indiciada pela sombra projetada pela árvore e pelos raios de sol que aparecem no chão e passam através das sombras das árvores. O banco em que o homem está deitado está na sombra.

Depois de identificarmos os elementos da fotografia, passamos para uma parte mais subjetiva, ou seja, o que aquela foto queria dizer, a interpretação da foto.

Começamos tentando descobrir quem era o homem da fotografia, um morador de rua, como dizia o título da imagem fotográfica. Como provação, perguntei às crianças se elas acreditavam nessa informação e todos disseram que sim. Questionei o porquê de

⁵ Não consegui identificar quem é esse fotógrafo.

aceitarem a informação induzida pelo título, mas ninguém soube responder. Reformulei a pergunta: o que na fotografia que fazia com que eles acreditassem que aquele era um morador de rua.

Alguns alunos responderam que era porque o nome da fotografia era esse. Dessa vez questionei se caso houvesse um homem de terno e gravata, com uma maleta, deitado no banco eles também acreditariam que era um morador de rua. Todos responderam em coro que não acreditariam e eu perguntei o porquê. Alguns alunos destacaram em sua resposta que um homem de terno e gravata, trabalha e tem dinheiro, então não seria morador de rua, pois ele teria uma casa para morar.

Repeti a pergunta: O que na fotografia que fazia com que eles acreditassem que aquele era um morador de rua? Dessa vez responderam que era a roupa do homem, as sacolas ao lado, o cabelo despenteado e que ele estava sujo e cheirando ruim. Chamei-lhes a atenção pra o fato de que uma fotografia não nos permite sentir o cheiro do fotografado, e que aquela fotografia, em particular, não nos permitia saber se o homem estava sujo ou não. Comentei que seus dizeres indicavam a imagem que tinham do morador de rua.

As crianças argumentaram dizendo que acreditavam que o homem da foto estivesse sujo porque sabiam que os moradores de ruas são assim. Apesar da generalização preferi não aprofundar, mas questionei se eles conheciam todos os moradores de rua, ficaram sem responder. Chamei atenção para o efeito que o título da foto produzira em nosso olhar para ela. Ou seja, vimos a imagem que temos de um morador de rua, mais do que a imagem que tínhamos diante de nós.

Seguindo a proposta da apostila, lemos a instrução transcrita abaixo:

“Observe a foto. Crie uma história a partir dessa foto, tentando imaginar o que aconteceu na vida dessa pessoa até chegar nessa situação” (p. 99).

Para prosseguir com a discussão, questionei por que existiam moradores de rua e as respostas foram diversas. Para organizar a discussão fui explorando alguns pontos que eles levantaram e anotando na lousa:

- algumas pessoas não têm onde morar;
- eles não têm dinheiro para pagar o aluguel da casa;
- eles não têm emprego, então não têm dinheiro para pagar o aluguel da casa;
- eles não têm emprego porque não estudaram;
- eles não estudaram porque a família deles era pobre, então tiveram que sair da escola para ajudar a "pagar as contas" da casa;

Mas não eram só esses os motivos enumerados:

- alguns querem morar na rua;
- alguns fugiram de casa porque apanhavam dos pais;
- alguns fugiram da casa e cresceram morando na rua, então não estudaram, não têm emprego, dinheiro, casa;
- alguns foram para a cadeia e depois que saíram (ou fugiram) ninguém mais da família quis saber deles, tiveram que morar na rua;
- alguns vieram de outros estados para procurar emprego, mas não acharam ("porque emprego é difícil de achar") e tiveram que morar na rua;
- as chuvas derrubaram as casas que eles tinham na favela e tiveram que morar na rua, porque não tinham dinheiro para construir outra.

Concluimos que esses poderiam ser fatos que levam uma pessoa a morar na rua, mas que poderia haver outros.

Depois da conversa pedi que eles fizessem o exercício levando em consideração tudo que havíamos conversado e na aula seguinte solicitei que eles lessem as histórias, que ficaram parecidas umas com as outras e, de certa forma, abrangeram todas as hipóteses que foram levantadas.

A realização dessa atividade frustrou-me, mas, ao mesmo tempo ensinou-me algumas coisas e impulsionou-me a incluir outros materiais fotográficos em meu trabalho com as crianças, mesmo que eu tivesse que arcar com os gastos decorrentes dessa opção.

A frustração foi decorrente do reconhecimento da ausência, no material didático disponibilizado, de qualquer preocupação acerca das possibilidades da imagem fotográfica. Além da qualidade ruim, a fotografia não é reconhecida como um documento histórico, como fonte de informação e muito menos como uma linguagem.

Aprendi, realizando a atividade, que a familiaridade das crianças com a fotografia em seu cotidiano não assegura, automaticamente sua leitura atenta. Se é certo que as imagens a que estamos expostos educam nosso olhar e nossa sensibilidade, é certo também que o têm feito solicitando o olhar para o contínuo desfilar de sugestões e de modificações de contexto. Assim, há que se ensinar a olhar para as fotos, a deter-se nas imagens, que podem ser fontes riquíssimas de informações e ponto de partida para os conteúdos exigidos pela escola. Porém não são quaisquer imagens que nos cativam. Aquelas de reprodução precária não são um convite ao exercício do olhar.

Além disso, o material didático é uma fonte de informação para os alunos que a escola legitima. Pela mediação da legitimação escolar as informações nele contidas ganham o estatuto de verdades. Dessa forma, as imagens utilizadas sobretudo como ilustração revestem-se de uma carga ideológica maior do que a de qualquer outra imagem apresentada em outros suportes, podendo reafirmar e legitimar preconceitos.

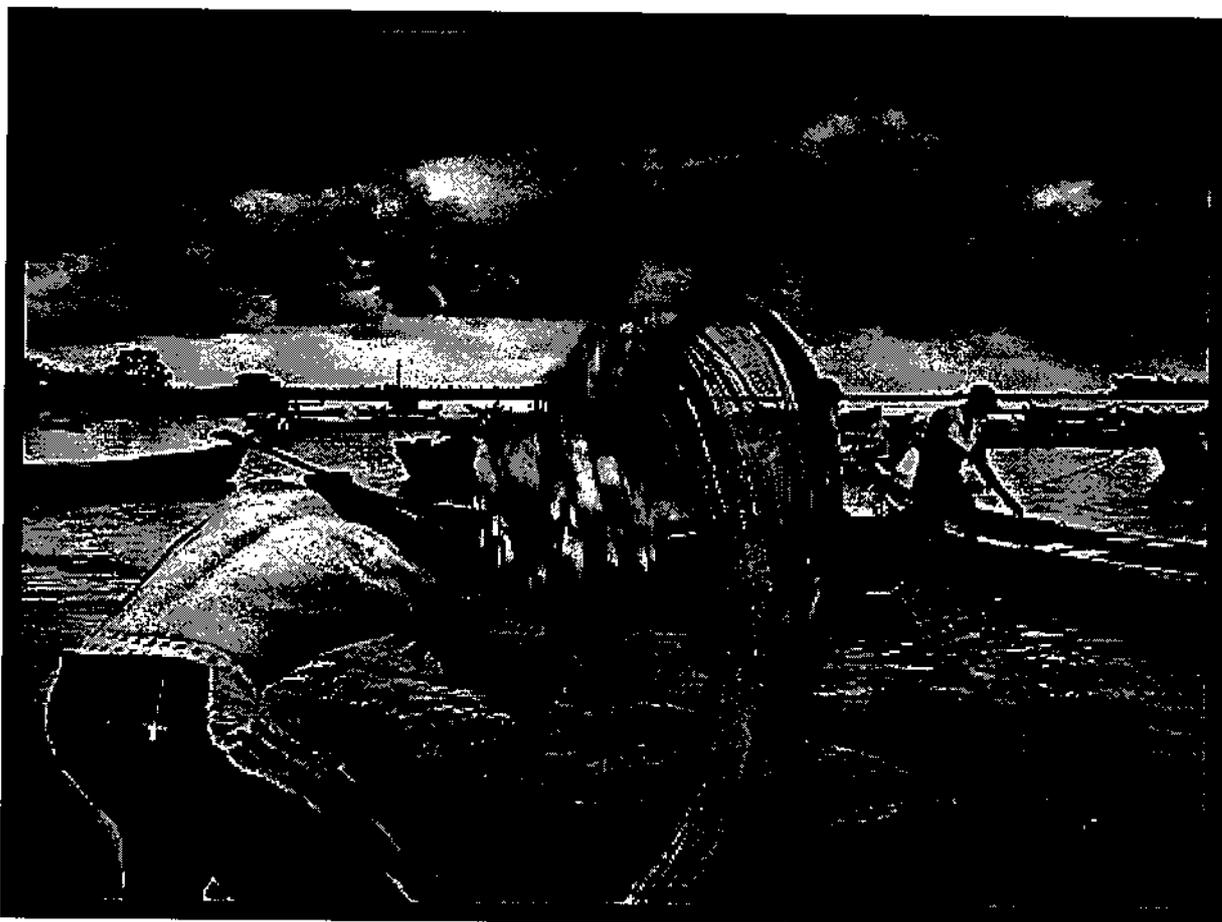
Essas preocupações levaram-me à decisão de oferecer aos alunos outras possibilidades de imagens.

5- Vendo o que não está lá....

Decidida a realizar em sala de aula algumas atividades de leituras de imagens, selecionei algumas fotografias que *me* chamavam a atenção, imprimi e entreguei para que os grupos fizessem a leitura. Fizemos quatro atividades desse tipo.

Esse tipo de atividade de leitura aproxima-se de um estudo da fotografia, nela buscando os dados inscritos que se oferecem ao olhar do observador, passando pela atenção ao todo da imagem e pela atenção cuidadosa aos detalhes que nela se combinam.

A primeira atividade foi coletiva, e eu conduzi diretamente a análise. A fotografia escolhida foi uma de que gosto muito e que encontrei no num site de fotografias.⁶



Fotografia 5-1: O pescador, Artur Franco, 2006

Havia três cópias dessa fotografia. Primeiro solicitei que cada aluno olhasse a

⁶ <http://olhares.aeiou.pt/>

fotografia atentamente, tentassem identificar todos os elementos que nela havia. Depois que todos olharam pedi que cada aluno falasse sobre ela: se tinham gostado ou não, o que havia nela, quais sensações ela passava para quem a olhasse.

Demoraram um tempo para responder, houve silêncio, eles se entreolhavam, olhavam para mim tentando entender o que havia sido solicitado, até que um aluno levantou a mão e falou "É um homem com uma rede na mão, acho que é pescador." Esse era o óbvio, mas era o começo para que a conversa sobre a foto pudesse "rolar"...

Depois disso a interlocução começou a fluir, durante algum tempo ainda tímida, com um ou outro comentário. Elencaram primeiro todos os elementos visíveis da fotografia, o óbvio da fotografia: o pescador, a rede, as canoas, o mar, o céu carregado.

Esse foi o limite da leitura porque a leitura da fotografia demanda conhecimentos do contexto histórico e cultural a que as fotos pertencem. Marques (1990) assinala essa característica da leitura das fotografias ao afirmar que *o texto fotográfico engaja discursos para além dele, situando-se em complexa intertextualidade definida por peculiar conjuntura cultural e histórica pressuposta por ele e que permanece latente por trás dele.* (p.22). Segundo ele, citando Barthes, muitas vezes o que nos separa de uma foto é justamente a história, ou seja, o desconhecimento do contexto histórico e cultural que a produziu. Quanto melhor conhecermos esse contexto, assinala Marques, melhor poderemos entender as fotografias nele geradas.

Ciente desses limites, prossegui no trabalho de leitura de imagens fotográficas recorrendo à apreciação dos efeitos afetivos da foto sobre as crianças, destacando sua relação com o que *não* estava evidente na fotografia. Perguntei sobre as sensações que tiveram ao olhá-la. Novamente o silêncio, os olhares de dúvida. Alguns pediram para revê-la, olhavam para ela, depois olhavam para o nada, pensavam (ou sentiam), até que começaram a falar.

As primeiras sensações que enunciaram foram de tristeza, dó, cansaço. Dó pelo trabalho que faziam que, segundo eles, era ruim, porque trabalhavam muito e por isso tinham que ficar muito tempo longe da família e ganhavam pouco. Cansaço por ser um trabalho que usa força (para jogar e puxar a rede e remar). Já tristeza não souberam explicar, suponho que essa sensação decorresse da mistura das duas sensações levantadas e explicadas acima, um “trabalho duro” em que se ganha pouco.

Enquanto discutíamos as sensações, um aluno, que até então não tinha se manifestado, lembrou que era um trabalho duro, mas que também era importante, pois era por causa dos pescadores que tínhamos peixes para comer nas nossas casas, já que não morávamos perto do mar e assim não podíamos pescar o peixe para comermos.

Com isso a discussão retomou a direção do estudo do contexto de produção da foto como documento da importância daquele trabalho e da exploração daqueles trabalhadores, já que era necessário pescar muito peixe para conseguir juntar um dinheiro bom no final do mês para pagar as contas. Nem todos os alunos participaram da discussão, alguns alunos não se manifestaram (não forcei ninguém a falar, falavam apenas aqueles que desejassem), outros queriam participar tanto que não deixavam outros alunos falarem, três alunos não se interessaram e faziam outra coisa e em alguns momentos tive que parar a discussão para chamar-lhes a atenção.

A segunda atividade de leitura de fotografia também foi coletiva, porém agora eles já se sentiam mais à vontade para falarem e não houve tantos olhares de dúvidas, mais alunos participaram da discussão.



Fotografia 5-2: ... pela estrada afora, Artur Franco, 2007.

Para essa fotografia o roteiro foi o mesmo: entreguei as fotografias, solicitei que cada aluno a olhasse atentamente, tentasse identificar todos os elementos que nela havia. Dessa vez as respostas vieram mais facilmente.

Primeiro os elementos visíveis: senhora carregando alguns paus, estrada, grama, céu com sol. Depois as sensações⁷: solidão, tristeza, abandono, cansaço, exploração. Solidão e abandono, pois a senhora da foto está sozinha fazendo um trabalho que ela não devia mais fazer, isso deveria ser feito por seus familiares mais jovens e com mais força. Acreditam que todos tenham abandonado a senhora e esquecido dela para que não tivessem trabalho. Cansaço e exploração porque ela provavelmente andaria muito até chegar a casa dela e nessa idade dela isso não é fácil, os mais velhos tem menos força e as coisas são mais difíceis para eles e cansam mais. Tristeza por ser triste que uma senhora tenha que fazer esse tipo de serviço. Ela devia ter trabalhado a vida toda, nessa

⁷ Os alunos não diziam exatamente essas palavras, mas com a descrição dos sentimentos aos quais estavam se referindo acredito que foi isso que eles tentavam dizer.

idade deveria descansar e ter alguém para fazer esse tipo de serviço.

A terceira atividade de análise de fotografia foi feita em grupos e demorou três dias não seqüenciais.

Para essa atividade levei diversas fotografias para sala de aula e pedi que cada grupo escolhesse a fotografia que quisessem, a que mais lhe chamasse a atenção.

A formação dos grupos seguiu alguns critérios como a afinidade entre eles, porém tentei garantir que houvesse pelo menos um aluno que tivesse um pouco mais de domínio da escrita. Para as escolhas da fotografia pelo grupo coloquei as várias fotografias sobre a minha mesa e cada em conjunto decidiram qual delas queriam.

Depois solicitei que os grupos fizessem a leitura e notassem as discussões que tiveram. Fizemos essa atividade em três momentos para a leitura de uma imagem, as discussões sobre ela e anotações (tópicos virarem textos narrativos⁸) foram necessários alguns dias de aula.

Após escolherem a imagem fotográfica, orientei que os grupos fizessem uma leitura que seguisse um percurso parecido com os que nós havíamos feito anteriormente de forma coletiva. Orientei também que eles notassem as idéias que fossem surgindo em formas de tópicos. Após isso, num outro dia, eles voltaram à imagem fotográfica e aos tópicos anotados para prosseguir com a leitura.

Dessa vez solicitei que eles produzissem um texto que contasse as discussões e as impressões que tiveram sobre a imagem fotográfica escolhida por eles. Com essas orientações eles fizeram um texto que foi revisado em um terceiro momento.

Resumidamente: foi apresentada a imagem, foi feita uma leitura inicial da mesma. Após um dia, criado um distanciamento em relação ao primeiro contato com a fotografia escolhida, a leitura inicial foi retomada, oportunizando ao grupo a possibilidade de revisar

⁸ Nessa atividade aproveitei para trabalhar os conteúdos da série em produção textual, ou seja, trabalhar pontuações, parágrafos, coerências de idéias, etc.

suas idéias e apontamentos iniciais. A partir dessa retomada foi elaborada uma produção textual. Nos textos produzidos, a parte descritiva da fotografia misturou-se à(s) história(s) da(s) pessoas e/ou do(s) objeto(s) que nela aparecem. Histórias essas suscitadas pelo imaginário dos leitores das fotos.

As imagens e os textos abaixo são os foram produzidos pelos grupos nessas duas atividades.

Trem de trabalhadores



Fotografia 5-3: Church Gate Station, Sebastião Salgado, 1995

"Bom, nós conversamos várias coisas sobre a fotografia do Sebastião Salgado, então vou resumir aqui um pouco do que nós falamos.

Primeiro a gente achou que era uma fotografia de fantasmas, mas depois a professora explicou que não era, na verdade era um recurso fotográfico, porque a máquina fotográfica do Sebastião é muito boa, é de profissional e tem um botão que você muda e ela faz a máquina pegar mais tempo da imagem, assim as coisas que estão paradas ficam bem feitas e as coisas que estão se mexendo ficam borradas, parecendo fantasmas.

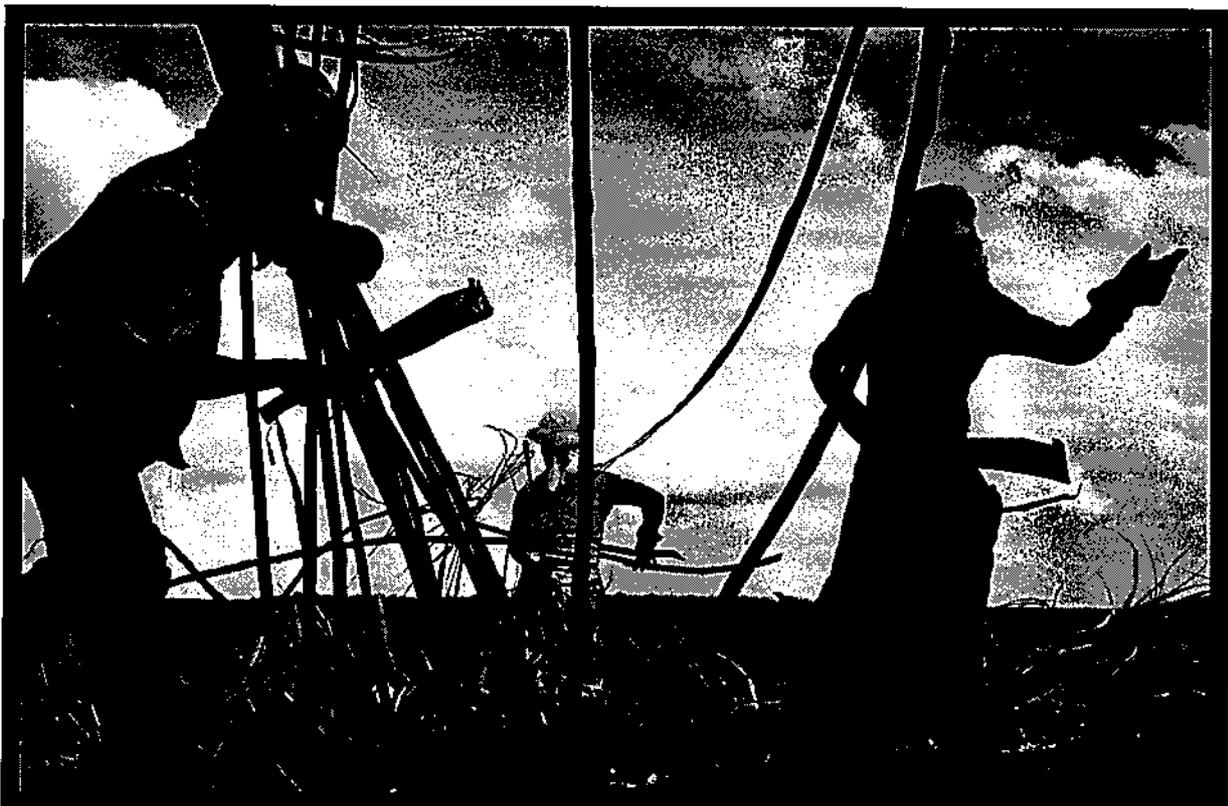
Depois que a professora explicou isso, nós conversamos que as pessoas (que parecem fantasmas) estão saindo trem. O trem parou na estação e as pessoas estão descendo dele para poderem trabalhar. A gente acha que o trem deve estar atrasado, pois elas estão andando muito rápido e devem estar atrasadas para o serviço, e elas não podem chegar atrasadas, pois se não o dono do emprego delas podem mandar elas embora.

Depois a gente conversou também que o trem devia estar cheio, com muita gente indo trabalhar, porque tem muita gente saindo dele. O trem fica cheio porque as pessoas que pegam trem podem dormir até mais tarde, porque o trem é muito mais rápido que os ônibus. Assim elas dormem um pouco mais, por que daí gastam menos tempo indo para o trabalho, mas também vão apertadas. Assim elas gastam menos tempo e podem chegar mais rápido em casa também para ficarem com os filhos.

Os trens existem nas cidades grandes e lá tudo é mais longe uma coisa da outra, então tudo demora mais, então as pessoas querem economizar tempo com as coisas chatas para poderem ter mais tempo com as coisas legais.

A gente não queria morar em uma cidade grande, pois tudo lá é mais complicado, a gente gosta daqui de Vinhedo, porque as coisas são mais calmas."

Trabalhadores da cana



Fotografia 5-4: Sugar-cane Plantations, Sebastião Salgado, 1987

“Nós analisamos a fotografia do Sebastião Salgado da plantação de cana-de-açúcar, essa foto foi tirada em 1987, então faz 20 anos.

Nós observamos que nessa fotografia há três cortadores de cana, algumas canas que não foram cortadas e outras que já foram cortadas.

Nós achamos que essa foto foi tirada no campo, na zona rural, porque cana de açúcar é feita na zona rural.

Os trabalhadores rurais da fotografia trabalham com uma luva para não machucarem a mão, com um pano na cabeça para se protegerem do sol, e com um pano na cintura para protegerem as pernas. Porque cortar a cana com o facão pode machucar eles.

Nós achamos que deve ser ruim ser um trabalhador rural porque eles trabalham muito e ganham pouco dinheiro, porque essas terras não são deles, é de alguém que contrata eles para trabalhar e paga bem pouco para eles. É tão pouco que mal dá para comprar comida, então eles precisam da ajuda de outras pessoas que doam comidas, igual essa campanha que está sendo feita na escola, para dar cesta básica para pessoas pobres e a campanha do agasalho para as pessoas não passarem frio.”

Guerra



Fotografia 5-5: Turanj, Krajina , Sebastião Salgado, 1994.

“Nós conversamos muito sobre a fotografia, porque ela é muito legal, só que o legal quer dizer bonita, porque guerra não é uma coisa legal.

A guerra é uma coisa muito triste porque as pessoas perdem tudo que conseguem. Uma pessoa ruim quer uma coisa que é de outra pessoa e essa pessoa não sabe conversar, daí ela vai pegar pela força, daí ela usa arma, bomba, tanque de guerra, granada.

Muitas pessoas morrem durante a guerra e tem também aquelas que não morrem porque fogem para algum lugar e ficam escondidas até a guerra acabar e quando a guerra acaba ela volta e aí está tudo destruído e elas não tem mais onde morar.

Quando as pessoas voltam elas tem que trabalhar para comprar tudo de novo, roupa, geladeira, armário, cama, chuveiro, comida. E elas tem que comprar uma coisa muito importante que são os tijolos para construir a casa de novo. Tem que comprar tijolo porque a guerra acabou com tudo.

A foto está mostrando isso que a gente escreveu. Essas pessoas da foto estão voltando depois que a guerra acabou e a casa dela está destruída porque a guerra destruiu e elas estão muito tristes com isso. Não dá para ver a cara delas, só que a gente sabe que elas estão tristes.”

Mão do velho



Fotografia 5-6: Tea Plantation, Sebastião Salgado, 1991.

“Nós do grupo achamos muito difícil essa fotografia, daí ficamos pensando bastante. No primeiro dia da fotografia a gente não conseguiu pensar direito, só que

hoje a gente conseguiu pensar mais. A gente foi no outro grupo e viu o que elas estavam escrevendo da fotografia deles.

Depois que a gente pensou direito a gente viu que essa mão é a mão que alguém que já é um pouco velho e que trabalha no meio rural e essa pessoa é negra.

Ela deve sofrer muito e deve ser muito pobre.”

Aprendendo escrever...



Fotografia 5-7: Sem nome, Hugo Delgado, 2005.

“Nessa fotografia há um homem já idoso que está aprendendo ler, escrever e fazer conta agora, depois que ficou velho.

A gente acredita que quando era pequeno, ele não teve condições de aprender ler e escrever, porque tinha que ajudar a sustentar a família dele que era pobre e precisava da ajuda dele para comprar comida.

Ele deve ter sofrido bastante, porque deve ser ruim não saber ler e escrever. Você anda pela rua e não sabe o que está escrito nas placas e não consegue ler o nome do ônibus.

A gente sabe que hoje em dia isso ainda acontece. Tem muitas crianças que não podem estudar porque tem que ajudar a sustentar a casa, mas algumas são uns

adultos malvados que ficam explorando elas, fazem elas trabalhar e ficam com todo o dinheiro. Essas pedem dinheiro no sinal.

Também tem umas que ficam trabalhando de quebrar pedra, esse trabalho é pior, porque elas devem ficar cansadas e se machucam.

Quando essas crianças crescerem terão que estudar igual ao homem da fotografia, mas já terão perdido um monte de emprego que poderiam ter. Porque para arrumar um trabalho bom, tem que estudar bastante.

Esse homem não estudou, então ele não tem um emprego bom, então deve sofrer ainda!!! Sofria quando era criança e sofre quando é adulto, porque não deixaram ele estudar.”

Tocando por um dinheirinho.



Fotografia 5-8: Tocar para viver..., Avelino Oliveira, 2007.

“Nesta fotografia há um homem tocando numa praça pra ganhar dinheiro para poder comer. Ele usa um violão e na frente dele tem uma caixa de sapato para as pessoas que gostarem da sua música colocarem um pouquinho de dinheiro para ele.

As pessoas não estão gostando muito da música deles, porque tem pouco dinheiro na caixinha. Pode ser que ele não cante muito bem, ou não está cantando músicas que as pessoas gostem.

A gente acha que ele faz esse tipo de coisa porque ele quer muito ser cantor, então ele canta nas ruas para as pessoas poderem conhecer ele e depois pedir a música dele no rádio e assim ele vai ficar famoso e ganhar muito dinheiro e não vai

mais precisar cantar na rua para ganhar um trocadinho.

Mas ele tem que cantar músicas que as pessoas gostem para ele poder fazer sucesso. Se ele não cantar as músicas que as pessoas gostem ele não vai ficar famoso, por que ninguém escuta música que não gosta, e só assim ele vai poder ir cantar no Faustão ou no Gugu. Depois que ele for lá ele vai ganhar bastante dinheiro.

A cara dele parece ser de dúvida. Ele não sabe porque as pessoas não estão gostando do que ele está cantando, e assim ele não via ter dinheiro para comer depois. Se ele não cantar o que as pessoas gostam, ele vai ter que arrumar outra coisa para ganhar dinheiro.

A gente criou uma música para ele poder cantar e ganhar mais dinheiro:

*“Eu sou pobre, pobre, pobre
E não tenho dinheiro nem para comer,
Preciso que vocês gostem
Para eu poder viver.*

*Se minha música não está boa,
Vocês podem me falar,
Não posso ficar cantando à toa
Vou ter que cantar em outro lugar”*



Fotografia 5-9: A conversa, Artur Franco, 2007.

“Nesta fotografia tem duas mulheres, bem velhinhas, com seus cajados, para poderem apoiar quando andam. Parece que está bem frio, pois elas usam bastante agasalho, assim elas não vão ficar resfriadas, por que isso pode ser bastante perigoso para um idoso.

Elas já devem ter uns 80 anos, então já viveram bastante coisas, devem ser aposentadas e os filhos e os netos devem morar longe delas, também devem ser viúvas porque estão de preto.

Parece que uma está falando e a outra escutando.

Elas podem estar conversando sobre tudo que já viveram, ou sobre a vida de alguém que passa na rua, porque uma delas parece que está olhando para alguém e falando dessa pessoa. E a outro parece que não está gostando do que a primeira está falando. Assim uma está falando sobre a vida de alguém e a outra não está gostando do que essa pessoa faz.

Elas devem estar sentadas num banquinho perto da casa delas, como não devem ter muita coisa para fazer, porque já estão aposentadas, ficam conversando a tarde toda.

Na rua onde mora tem algumas velhinhas assim, que ficam sentadas falando da vida das outras pessoas, fofocando. É feio fofocar, mas como elas não têm muita coisa para fazer ficam fazendo essas coisas. Às vezes elas avisam as mães que os filhos estão fazendo alguma coisa errada, aí tudo bem, ela está ajudando a mãe que trabalha e tempo para ficar o dia inteiro de olho no filho, só que às vezes elas arrumam um monte de confusão, falando o que não deve, por que as pessoas não gostam que os outros tomem conta das suas vidas.

Não dá para saber se as senhoras da fotografia estão fazendo uma fofoca boa ou ruim, se elas vão ajudar alguém ou criar uma confusão, mas devem estar fofocando.

O soldado



Fotografia 5-10: Guerra em Tempo de Paz?, Raul Alexandre, 2007

“Essa fotografia mostra um soldado segurando uma arma e mirando em algum lugar para atirar, não dá para saber se ele bom ou mal.

Ele está na guerra e guerra não é uma coisa boa, a guerra é sempre muito ruim, por que muitas pessoas inocentes morrem. Um monte de pessoa que nem sabe direito porque tem a guerra morre com os tiros, as bombas e as granadas. As que conseguem fogem e vão morar num campo de refugiados, mas lá também não é bom, porque não é casa deles e quando voltam estão todas destruídas. Igual da outra fotografia que a gente falou.

Depois que a guerra acaba elas volta e está tudo destruído, e então eles têm que reconstruir tudo de novo. É assim que acontece.

Na guerra tem os soldados bons e os soldados maus. Os bons são aqueles que estão só se defendendo e os maus são aqueles que estão atacando os outros.

Se agente fosse para a guerra não iríamos querer ser o soldado mal, se mandassem a gente atacar algum lugar a gente iria fugir, mas não atacaria."

Preconceito



Fotografia 5-11: Only – Sérgio Redondo, 2007

"Nesta fotografia tem um monte de criança brincando num parque, no fundo tem um chafariz, mas deve estar frio, porque as pessoas estão usando blusas e calças.

Tem um menino que está sozinho porque ninguém quer brincar com ele. Ele tem uma bola e não tem ninguém para brincar.

As outras crianças não querem brincar com ele porque ele é negro, e isso é preconceito, é muito feio ter preconceito. Essas outras crianças não sabem que as pessoas são todas iguais a cor da pele na pessoa não faz diferença. Elas têm que lembrar que preconceito é crime."

A enchente



Fotografia 5-12: Enchente que me leva! Cris Oliveira, 2005.

"A fotografia "Enchente que me leva!" mostra uma família que a casa foi atingida pela enchente.

A imagem mostra duas crianças e um homem olhando para o fotógrafo, então elas sabiam que a fotografia estava sendo tirada.

Essa família é pobre, não tem muito dinheiro, porque sua casa tem uma aparência bem simples, muro não está rebocado direito, o portão é madeira e eles usam roupas simples.

O homem, que é o pai, está no meio da enchente sem roupas adequadas, então ele pode pegar várias doenças transmitidas pela água.

Na fotografia a gente pode ver que a enchente não chegou a entrar na casa, então eles não perderam seus móveis, roupas e comidas, mas isso acontece com muita gente que a enchente entra na casa.

Existem pessoas que perdem tudo durante a enchente, todas as coisas que elas conseguiram comprar, depois de trabalhar muito e juntar bastante dinheiro. Quando elas perdem essas coisas, ficam sem nada e ninguém ajuda comprar de novo.

O governo não está ligando para essas pessoas, porque todo ano tem enchente e ninguém faz nada. As pessoas que moram em lugar que pode ter

enchente normalmente são pobres e não tem outros lugares para morar. Essas pessoas têm que se unir e exigir que o governo faça alguma coisa para acabar com a enchente que destrói as coisas delas.”

Essas foram as atividades de “leitura de fotografia” realizadas em sala de aula. Nos relatos produzidos a partir delas, percebi que os alunos partiram da imagem e associaram o visível da fotografia com seu repertório cultural de significados e sentidos. Significados apropriados e elaborados nas relações sociais de que participam na escola e em outras tantas instituições e que são mediados principalmente pela mídia.

Nesse sentido, suas leituras ultrapassaram aquilo que as fotos apresentavam em seu imediato, eram leituras carregadas de hipóteses e de suposições baseadas nas idéias e valores que os alunos tinham. Os alunos também ultrapassaram o visível da fotografia, vendo o que não estava lá, através da emoção suscitada pelas fotos. Carregando ou descarregando sentimentos e emoções naquelas imagens, os alunos atribuíram a elas elementos não visíveis, tais como “cara de tristeza” em uma foto onde não é possível ver rostos, ou a escolha pelo meio de transporte mais rápido para “ter mais tempo para as coisas legais” ou até mesmo a “cara de dúvida” do cantor de praça que não entende por que as pessoas não estão gostando de sua música.

Nesses relatos de leitura materializa-se uma intersecção entre dimensões da vida dos alunos e as imagens fotografadas, seja no sentido de experiências vividas de fato por eles em seu cotidiano, seja no sentido de experiências possibilitadas pelos meios de comunicação. A escolha de imagens que não fazem parte da realidade concreta, imediata dos alunos, como as guerras – destruições causadas por bombardeios – é mediada pela experiência que hoje temos dessas realidades via televisão, imagens jornalísticas, filmes e vídeo-games.

Como assinala Kossoy (Realidades e ficções na trama fotográfica, pp. 45-46), as

imagens fotográficas, em nossa mente, deixam de ser estáticas. Porque as significamos, *elas mesclam-se ao que somos, pensamos, fazemos. Nosso imaginário reage diante das imagens visuais de acordo com nossas concepções de vida, situação sócio-econômica, ideologia, conceitos e pré-conceitos.* Assim, diante da foto de um velho senhor, negro, diante de um quadro (lousa), aos alunos supõem que ele teve uma infância difícil, sem a oportunidade de estudar. Talvez a maioria das pessoas fizesse essa leitura, porém alguém poderia supor que na foto temos a representação de um professor, ensinando, ou tentando ensinar, a uma turma inteira. Por que isso não aconteceu? A leitura feita pelas crianças indicia os fios intertextuais estabelecidos entre a imagem analisada e outras tantas, assemelhadas a ela, que são apresentadas nas reportagens ou propagandas de alfabetização. Essa leitura também pode ser atribuída às experiências das crianças que convivem ou conhecem um parente que voltou a estudar. E, ainda, relaciona-se com a imagem de professor que circula entre as crianças e também nos meios de comunicação de massa: uma figura feminina.

Assim, cada interpretação é algo particular, pois as relações intertextuais suscitadas pelas imagens fotográficas percorrem uma infinidade de “caminhos”. Quando analisamos uma foto não levamos em conta, conscientemente, aspectos de nossa formação, tais como valores e juízos, mas eles estão presentes, e é através dessas categorias que lemos as imagens. Dessa forma, a leitura da fotografia é pautada por toda nossa bagagem cultural, visão de mundo e ideologia, discursos com os quais nos identificamos. *A imagem fotográfica ultrapassa, na mente do receptor, o fato que representa* (Kossoy, 2002, p.46), pois na recepção da imagem há um processo de construção da interpretação que se assenta no repertório pessoal de experiências e de significados apropriados e elaborados. Nosso imaginário (com todo nosso repertório cultural e ideológico) reage à imagem e, dessa forma, não há uma interpretação padrão.

6- De Spectador a Operator

Depois de fazermos várias leituras de fotografia, de conversarmos sobre fotografia, era necessário que os alunos saíssem da posição de *Spectador* e passassem para a posição de *Operator* (Barthes, 1984): aquele que realiza a foto olhando *pelo buraco de fechadura da câmara obscura* (Barthes, 1984, p.23). Para isso disponibilizei a eles uma câmera fotográfica analógica e filmes.

Combinamos que cada aluno levaria para a casa a câmera fotográfica, produziria uma foto e devolveria no dia seguinte para que outro aluno pudesse realizar a atividade. Por causa disso conversamos sobre a responsabilidade que cada um deveria ter de entregar a câmera no dia combinado e tirar somente a quantidade estabelecida.

Expliquei para todos os alunos como manusear a câmera, já que nem todos haviam tido essa experiência. No curso dessa explicação, surgiram perguntas sobre como é que a imagem se forma, o que há dentro da máquina fotográfica que faz com que ela pegue a imagem e coloque no papel. Conteí resumidamente um pouco da história da fotografia e como as máquinas foram evoluindo até chegar às digitais, além de como ela capta as luzes que futuramente irão formar a imagem no papel.

Depois dessa conversa anunciei qual seria o tema da fotografia. O tema escolhido, pelos motivos que já foram apresentados anteriormente, foi o bairro em que moram. Mais precisamente, cada criança deveria produzir duas fotos em resposta a duas perguntas: “*O que mais gosto no meu bairro?*” e “*O que não gosto no meu bairro?*”. Quando propus a temática tentei assegurar o máximo de abertura possível, explicando que poderiam fotografar o que quisessem, desde que respondessem às duas perguntas.

Orientei para que cada aluno que tirasse a fotografia, trouxesse, no dia seguinte, uma pequena justificativa por escrito, do foco escolhido.

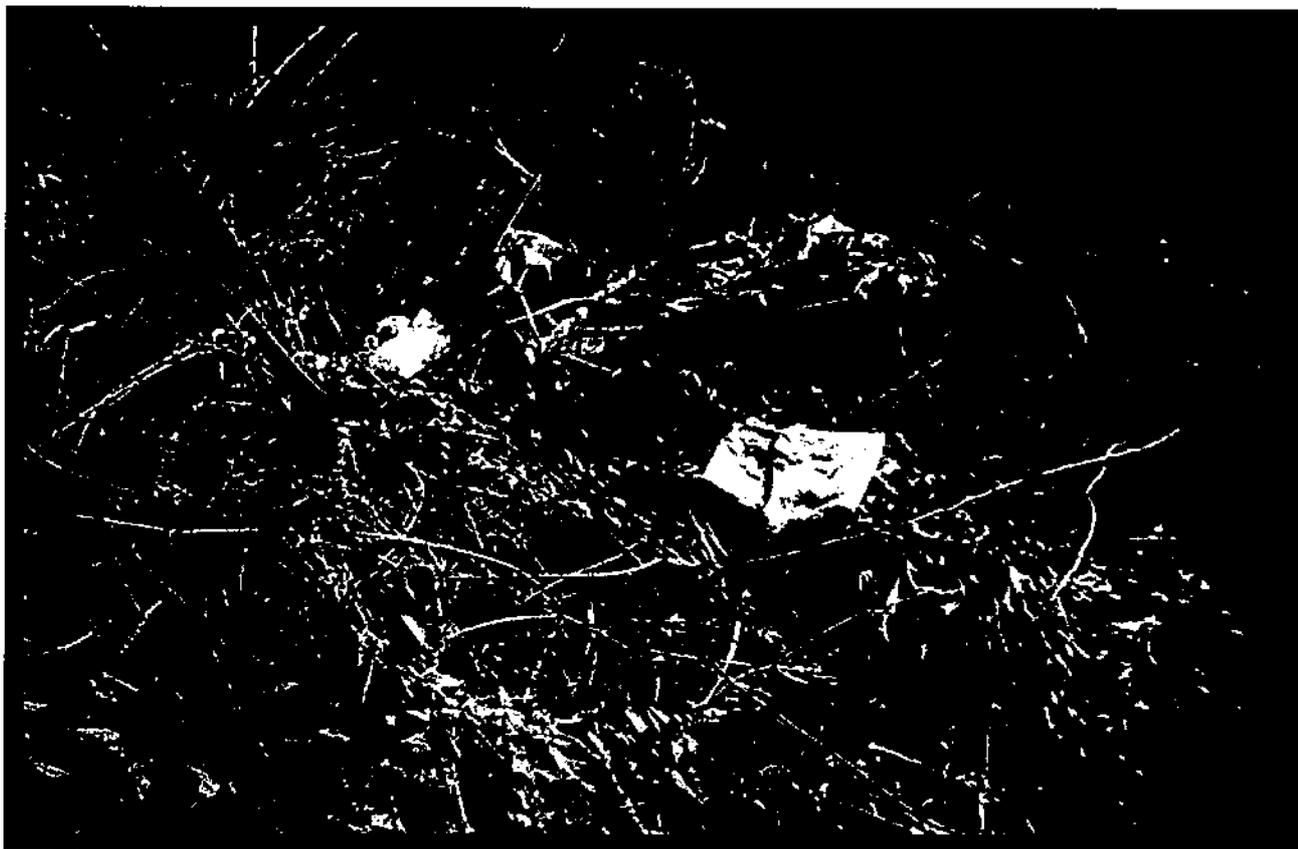
Para que os pais tomassem conhecimento da atividade enviei um bilhete informando sobre atividade e dando algumas orientações, como deixar que o aluno escolhesse e tirasse a fotografia sozinho.

A seqüência de quem levaria a máquina para casa se deu por sorteio, foi a forma que todos concordaram que seria a mais justa, pois assim ninguém seria privilegiado. Todos os dias a primeira coisa que fazíamos ao chegar em sala era o sorteio de quem levaria a câmera naquele dia. Depois de sorteado, o aluno recebia a máquina, eu explicava novamente como manuseá-la e a trazia no dia seguinte.

Essa parte da atividade ocorreu de forma tranqüila. Alguns imprevistos ocorreram, algumas fotografias “queimaram” e esses alunos tiveram que fazer novas fotos. Também ocorreu de a mãe de uma aluna não autorizar a participação da filha, apesar de diversas tentativas minhas. O motivo alegado pela mãe foi de que a filha poderia quebrar a câmera e caso isso acontecesse ela não teria como arcar com os custos de uma reposição, apesar de explicar para a mãe que caso a câmera quebrasse ela não precisaria repor, essa não quis mudar de posição. Houve também o caso de uma criança que gastou todo o filme que deveria ser utilizado pelo grupo.

Apesar desses imprevistos, conseguimos realizar a atividade, e enquanto ia revelando os filmes, fui percebendo uma certa tendência nas fotografias-resposta, porém preferi não comentar nada a respeito disso com eles, para não influenciar os outros alunos que ainda não haviam realizado a atividade.

7- O que eu não gosto no meu bairro?



Fotografia 7-1: O lixo, AS, 2007

"Eu tirei essa foto porque as pessoas vivem poluindo e não respeitam a natureza e ela representa várias doenças e também é muito feio ver uma cidade maltratada."



Fotografia 7-2: Campo, AAL, 2007.

“Esse é o campo de futebol perto da minha casa, eu não gosto de lá, porque eu não gosto de futebol.”



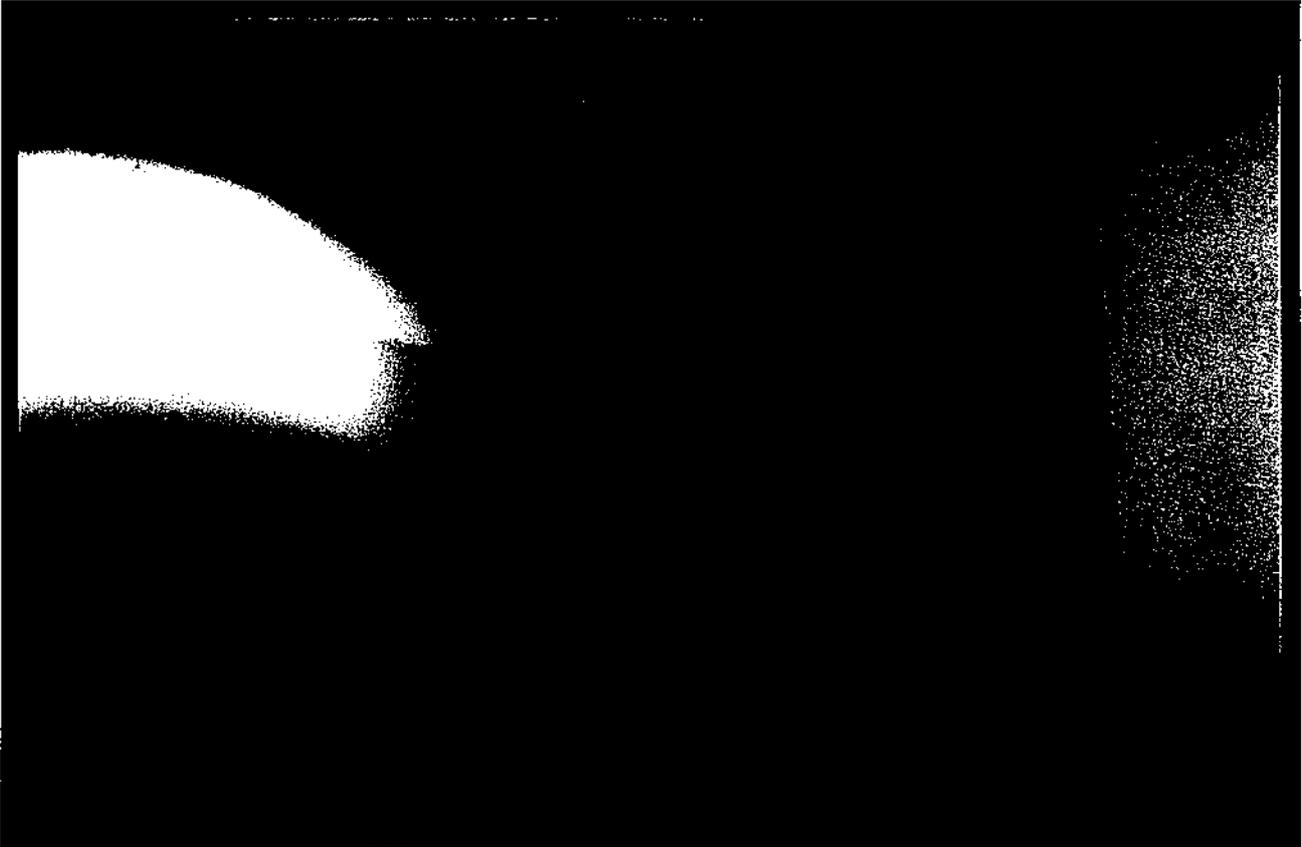
Fotografia 7-3: A casa suja, AG, 2007.

“Eu não gosto dessa casa por ela é suja, e o menino que mora nessa casa xingou a minha mãe. Eu também não gosto dele.”



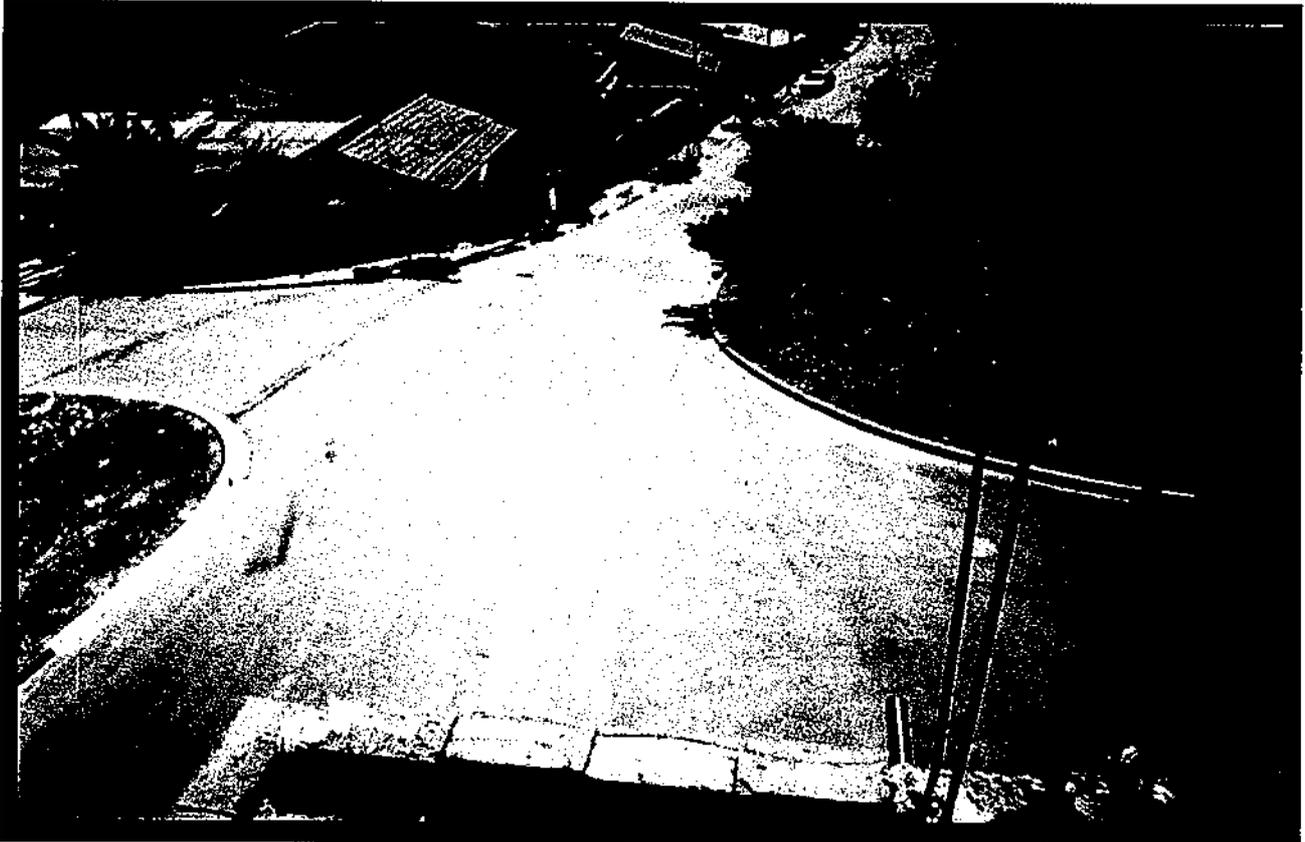
Fotografia 7-4: A viela, APD, 2007.

"Aqui esta viela é o lugar que eu não gosto e nunca vou gostar porque é feia e perigosa durante à noite.."



Fotografia 7-5 O Mato, AS, 2007.

"Eu tirei essa fotografia porque tem muito mato, bichos como: cobra, macaco, barata e rato."



Fotografia 7-6: A rua onde eu moro é perigosa, BS, 2007.

“Eu tirei essa foto porque eu não gosto de ruas com muitos carros porque alguma coisa pode acontecer nessa curva doida. Quando eu olho essa fotografia lembro de um acidente que um carro bateu no outro..”



Fotografia 7-7: O matagal, CR, 2007.

“Esse lugar me eu me sentir mal. Imagine um matagal na frente de minha escola, eu não gosto.”



Fotografia 7-8: Campo, DL, 2007.

"Esse lugar é o que eu mais odeio porque só jogo futebol de vez em quando."



Fotografia 7-9: O poste, FAJ, 2007.

"Eu não gostei dessa foto porque saiu meu dedo na frente e não é só por causa disso e porque esse lugar é muito feio e muito mato e pouco espaço.



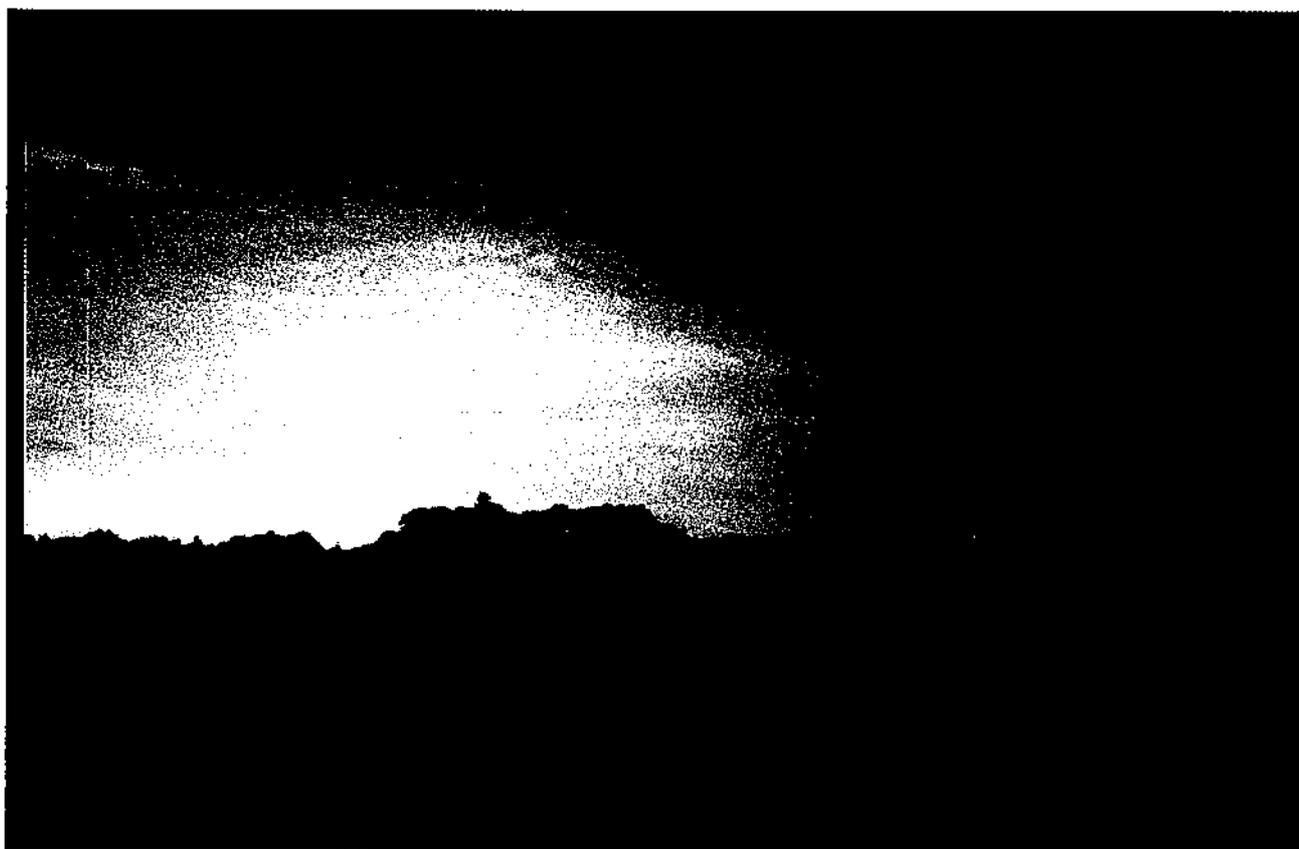
Fotografia 7-10: O terreno sujo, FS, 2007.

“Eu não gosto desse terreno porque ele é muito sujo e a mulher da casa amarela joga muita sujeira no terreno, como resto de comida, por isso que eu não gosto deste terreno..”



Fotografia 7-11: Na minha cidade, FP, 2007.

"Aqui é um lugar que eu não gosto da minha cidade porque é sujo, não é um lugar cuidado e eu não quero isso minha cidade. Aqui cai esgoto e é muito sujo, não pode sujar a natureza."



Fotografia 7-12: Muito lixo, GP, 2007.

“Esse é um lugar ruim, pois nós jogamos lixo e é cheio de bicho. Se não fosse essas coisas ele seria um paraíso.”



Fotografia 7-13: Bueiro malvado. GG, 2007.

“Essa foto representa a “sem-vergonhice” da prefeitura, porque ele viram um bueiro cheio de tábua e não fizeram nada, ficaram esperando alguém cair lá. Até que eu caí e minha mãe foi reclamar, aí sim, ele consertaram. Agora são eles que vão pagar meu tratamento.”



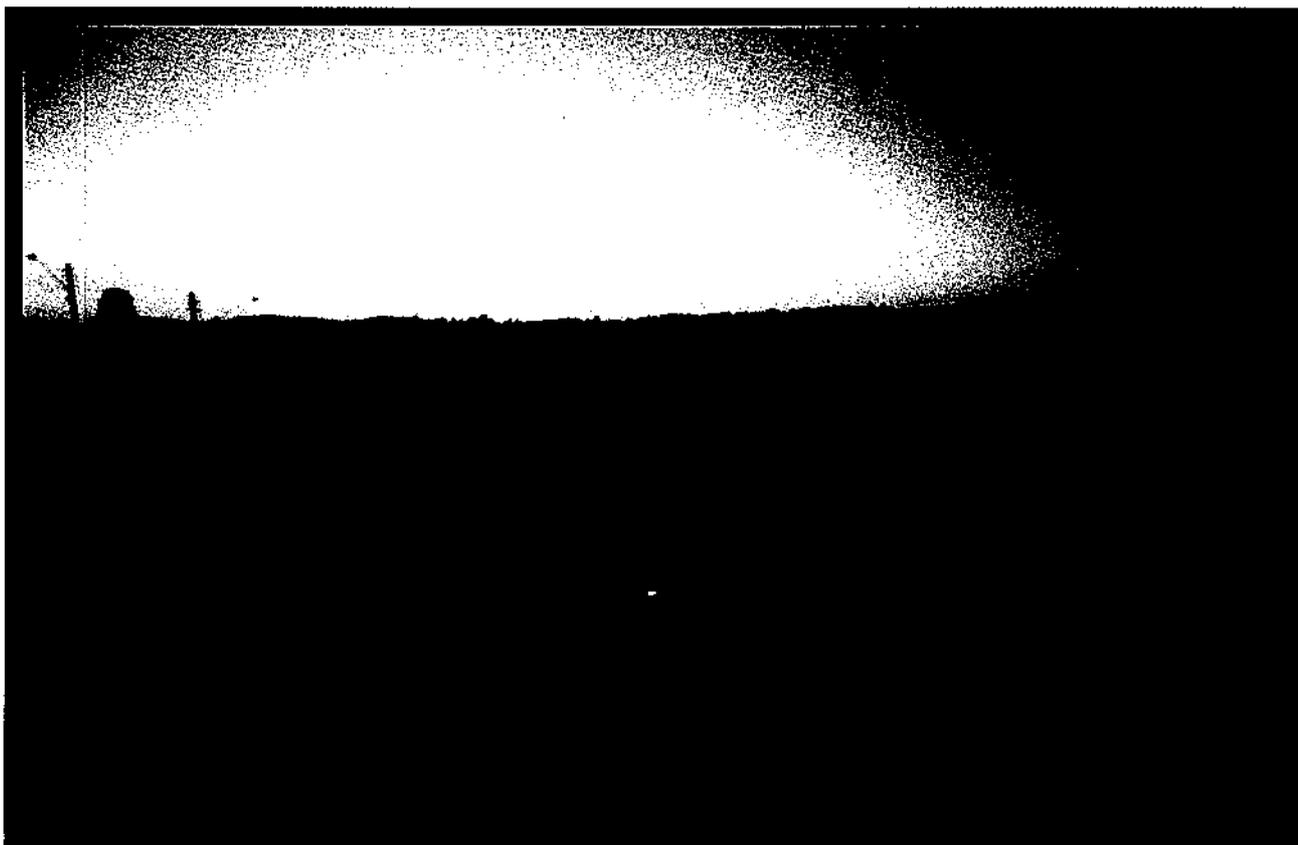
Fotografia 7-14: Rua perigosa, IM, 2007.

"Essa é uma rua muito perigosa, não gosto dela por causa disso."



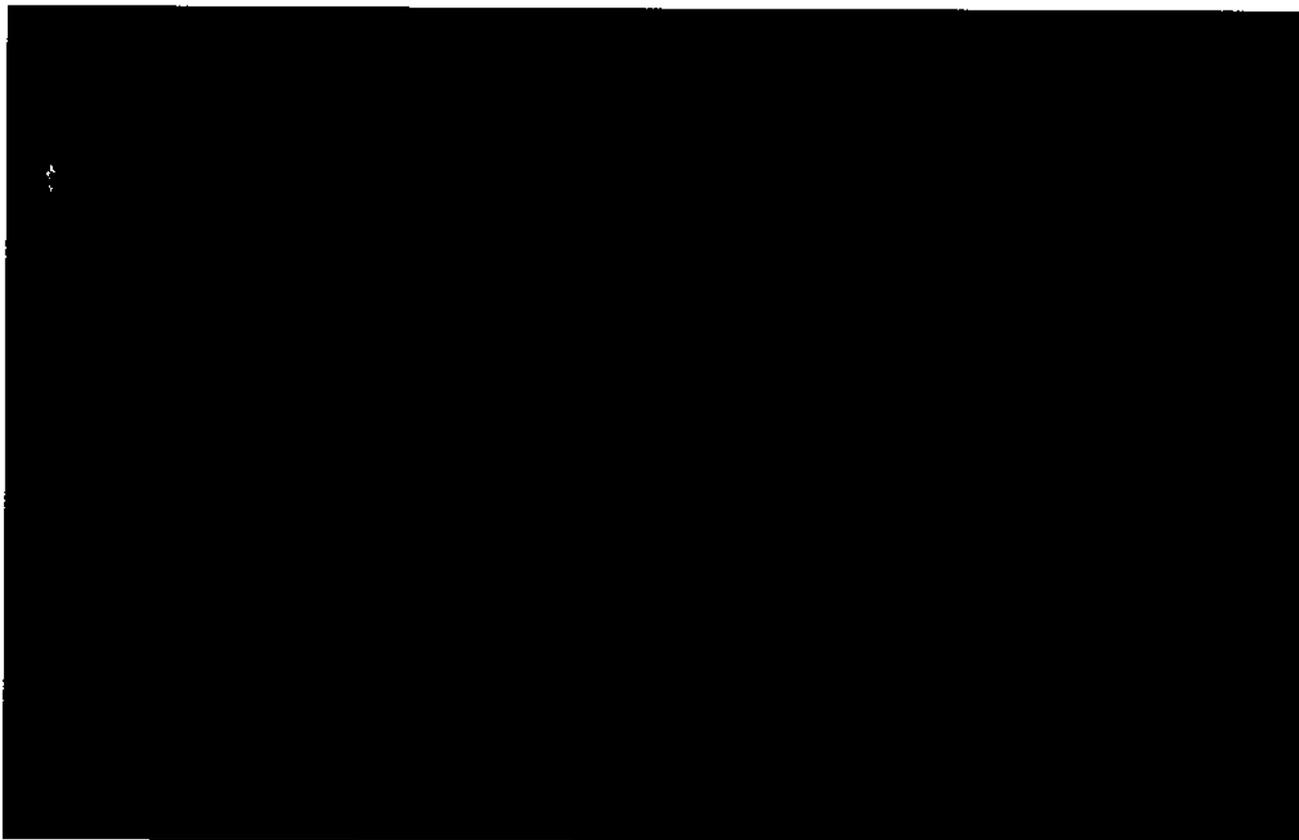
Fotografia 7-15: O mato, JS, 2007.

"Eu não gosto porque é perigoso e pode ter pessoas ruins"



Fotografia 7-16: O lixão, JG, 2007.

"Eu não gosto desta foto porque tem muitos lixos e esse lugar fica feio."



Fotografia 7-17: O mato, JL, 2007.

"Eu não gosto porque tem um lugar lá que é cheio de ratos e baratas, não gostamos porque entra baratas nas nossas casas"



Fotografia 7-18: Muito Lixo, LP, 2007.

"Eu não gosto porque eles colocam muito lixo lá e fica muito feio."



Fotografia 7-19: Ai, que altural, LFF, 2007.

“Eu não gosto desse lugar porque tenho medo de altura.”



Fotografia 7-20: A Anhanguera, MCPS, 2007.

"Aí tem muita poluição, muita sujeira, muito entulho e pode causar a dengue e outras coisas. Eu não gosto de ficar nessa bagunça."



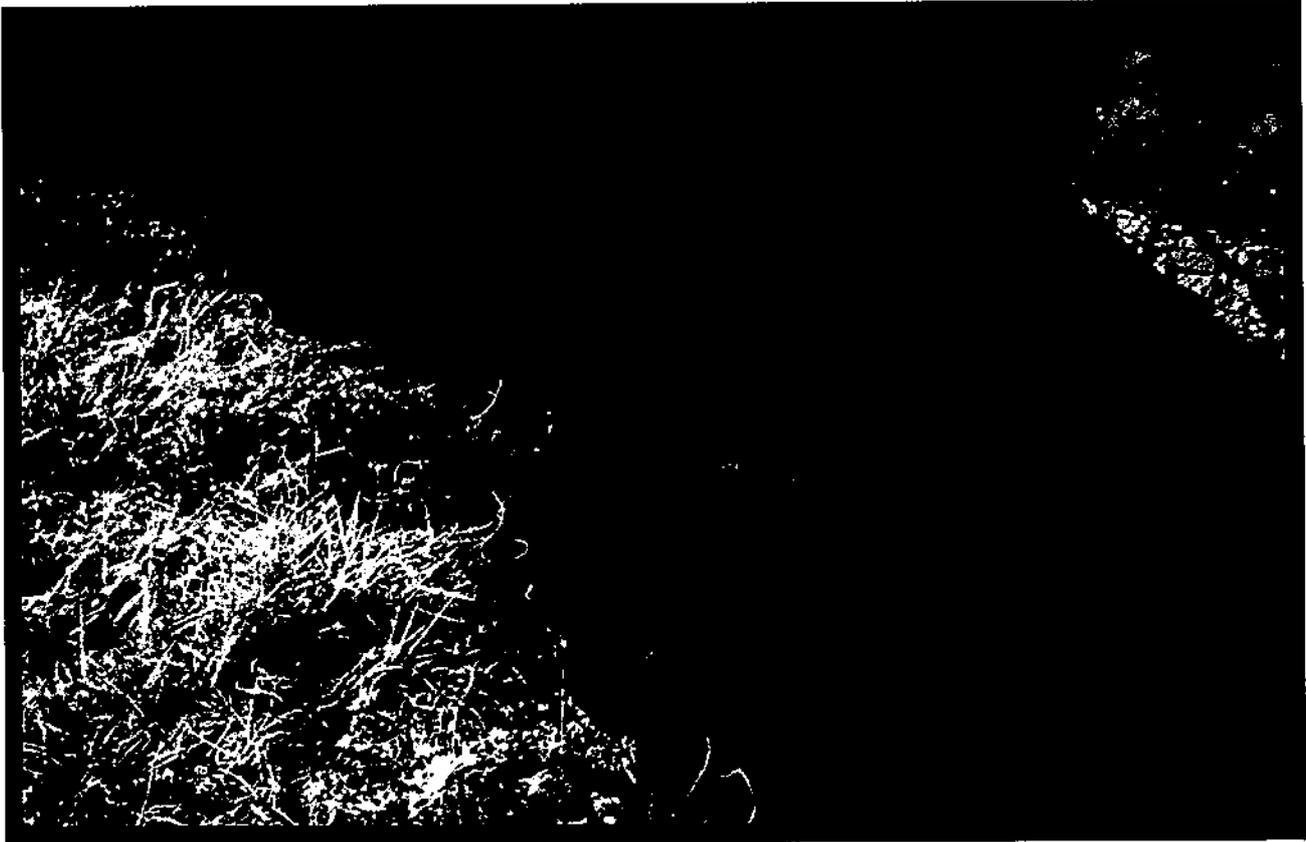
Fotografia 7-21: As árvores, MS, 2007.

"Eu não gosto desse lugar porque é um terreno muito feio e as plantações de milho e muito pouca árvore nesse sítio".



Fotografia 7-22: A florestinha, MB, 2007.

"Eu não gosto dessa matinha porque lá é escuro, sombria e eu ouço barulhos estranhos."



Fotografia 7-23: Poluição, NS, 2007.

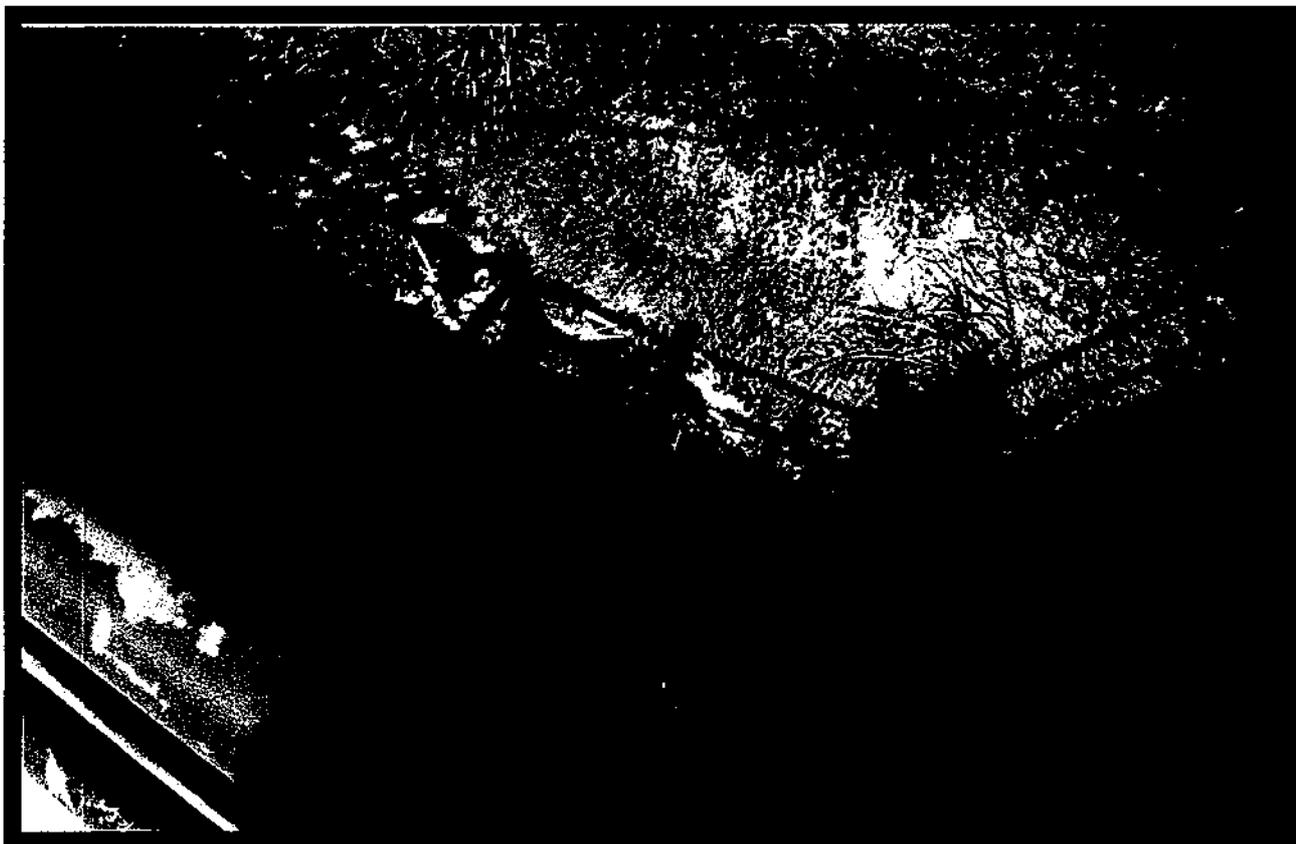
“Essa foto é do rio que passa perto do campo do meu bairro. Esse rio está muito poluído e cheira muito mal. As pessoas deveriam ter mais cuidado com nossos rios, não poluindo, pois a água é a fonte da vida.

Poluindo os rios não só estamos nos condenando como também trazendo outras conseqüências graves, como o mau cheiro, ratos e baratas, etc.”



Fotografia 7-24: Imundr, RS, 2007.

"Eu NÃO gosto porque as pessoas são uns PORCOS, o que eles devem estar pensando que o lixo pode ser jogado nas ruas. NADA DISSO!!!"



Fotografia 7-25: A poluição, RO, 2007.

"Eu não gosto desse lugar porque é feio, fedido, nojento. Pessoas sem consciência poluem a natureza e isso prejudica o meio ambiente.

Por isso que eu não gosto desse lugar"



Fotografia 7-26: Esse não é meu lar, SS, 2007.

"Essa é a casa que eu moro, mas não é o meu lar."



Fotografia 7-27: A coisa mais lixo, WP, 2007.

"Esse rio está sendo poluído pelo ser humano".



Fotografia 7-28: Perto da minha casa, RAR, 2007.

“Lá perto da minha casa tem bastante árvores queimadas e eu não gosto disso por causa do aquecimento global. Mas podia melhorar sem prejudicar nossa natureza.

Lá perto de casa tem árvore queimada, matos, gramas e etc.

E tomara que a gente melhore o nosso meio ambiente para o nosso país.”

8- O que eu gosto no meu bairro?



Fotografia 8-1: As árvores, AL, 2007.

"Eu gosto dessas árvores porque são elas que nos dão oxigênio e representa sinal de vida e saúde e também porque elas nos dão os frutos e se não fosse elas nós não viveremos, e com ela dá para fazer várias coisas como o papel.



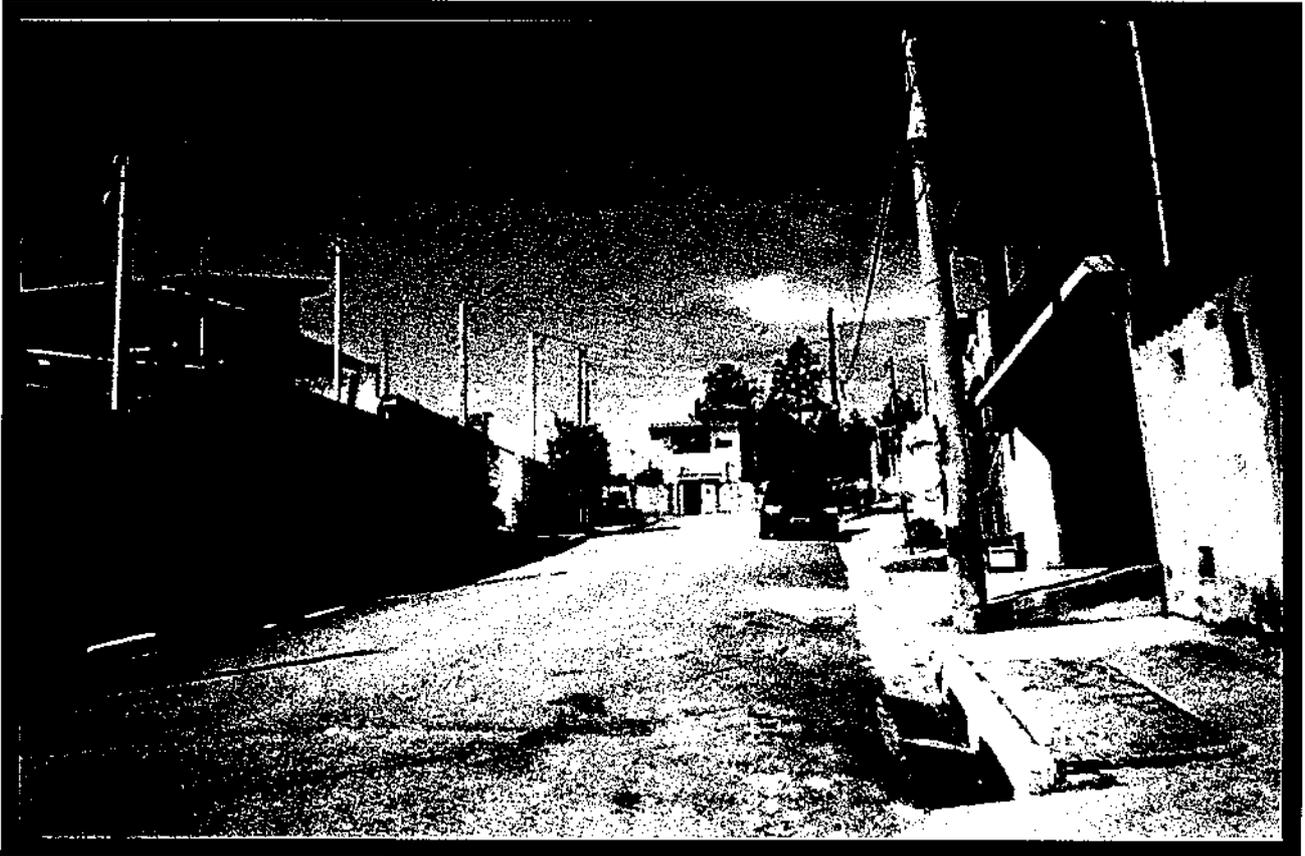
Fotografia 8-2: A máquina, AAF, 2007.

"Eu tirei essa foto porque eu gosto muito de máquinas."



Fotografia 8-3: A casa do meu amigo, AG, 2007.

"Eu gosto desse lugar porque é casa do meu amigo."



Fotografia 8-4: A rua onde eu moro, APD, 2007.

“Aqui era o meu bairro, onde eu morava. Aquela portaria era onde minha mãe trabalhava, ela saía seis horas da manhã e eu estudava à tarde.

Eu arrumo a casa todo dia desde a 2ª série, todo dia e nunca mais cansei de arrumar minha casa.”



Fotografia 8-5: A minha casa, AS, 2007.

“Eu escolhi ela porque eu gosto muito dela, se não fosse ela eu estaria numa casa pior que essa.”.



Fotografia 8-6: O esporte é bom para saúde, BS, 2007.

“Eu gosto muito de jogar futebol, por isso eu tirei essa fotografia com dois cones e uma bola branca no meio. Quando eu olho para essa foto eu lembro de jogar futebol nas horas vagas e que o esporte faz bem para a saúde.”



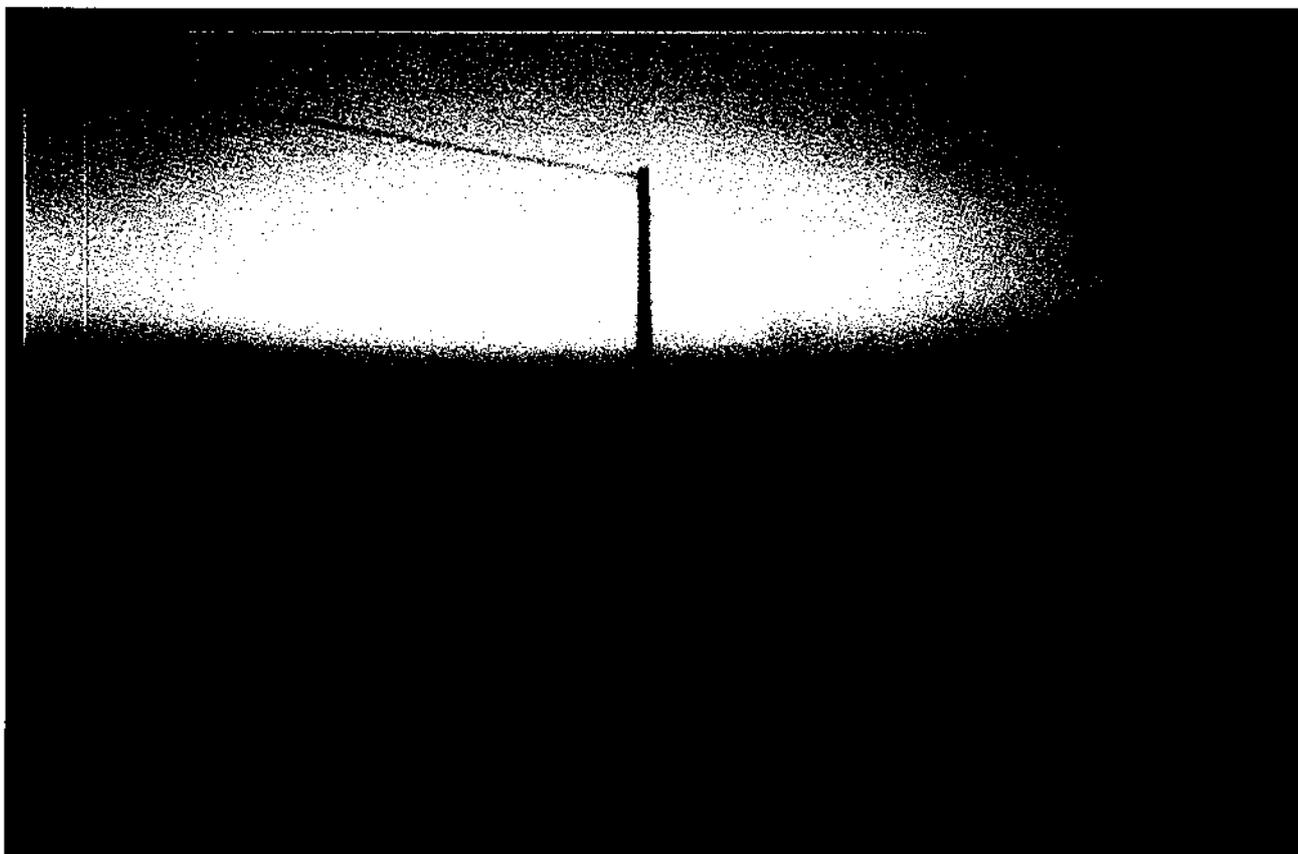
Fotografia 8-7: Educação, CR, 2007.

“Essa escola me faz sentir muito bem, porque não tem um matagal na frente dela e eu me sinto ótima. E ela é muito linda, é bom ter uma escola perto de casa”



Fotografia 8-8: A casa que minha mãe aluga, DL, 2007.

"Eu gosto dessa casa porque ela representa amor e é só isso fim."



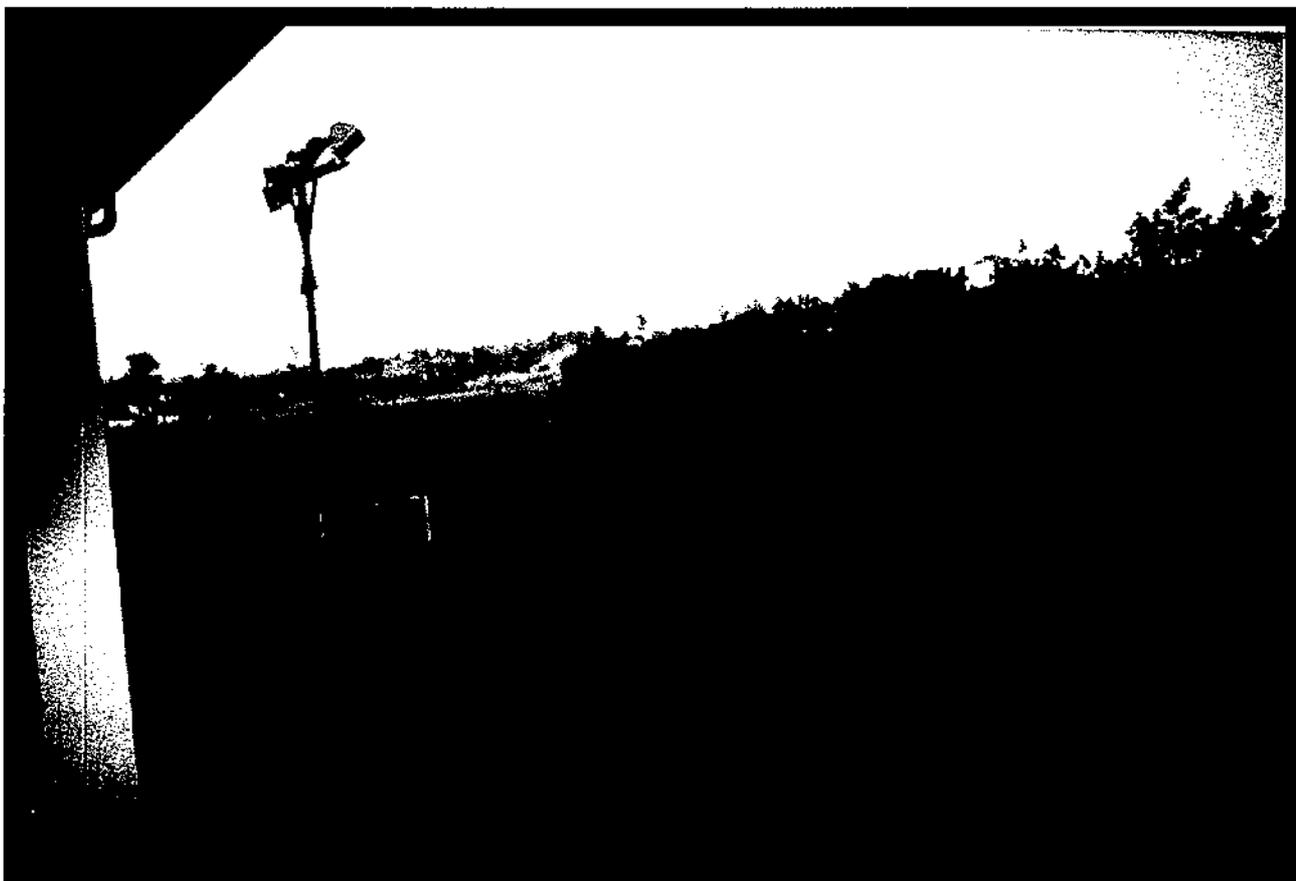
Fotografia 8-9: Paisagem, FAJ, 2007.

“Eu gostei do meu bairro porque esse bairro é muito lindo porque tem campo, tem terrenos muito lindos, tem bastante lugar e espaço para eu soltar pipa e brincar de futebol e também tem muitas casas bonitas.”



Fotografia 8-10: A casa do meu melhor amigo, FS, 2007.

"Eu gosto mais dessa casa porque mora meu melhor amigo, ele brinca comigo todos os sábados e domingos, por isso eu escolhi essa casa."



Fotografia 8-11: Eu gosto disso, FP, 2007.

“Aqui é um lugar que eu gosto porque tem muita natureza e é bonito, não tem sujeira.

Aqui é um lugar perfeito e lindo e é um lugar lindo para ficar.”



Fotografia 8-12: Soltar pipa, GP, 2007.

"Eu gosto desse lugar porque é público e limpo, podemos soltar pipa e temos de manhã uma vista muito linda."



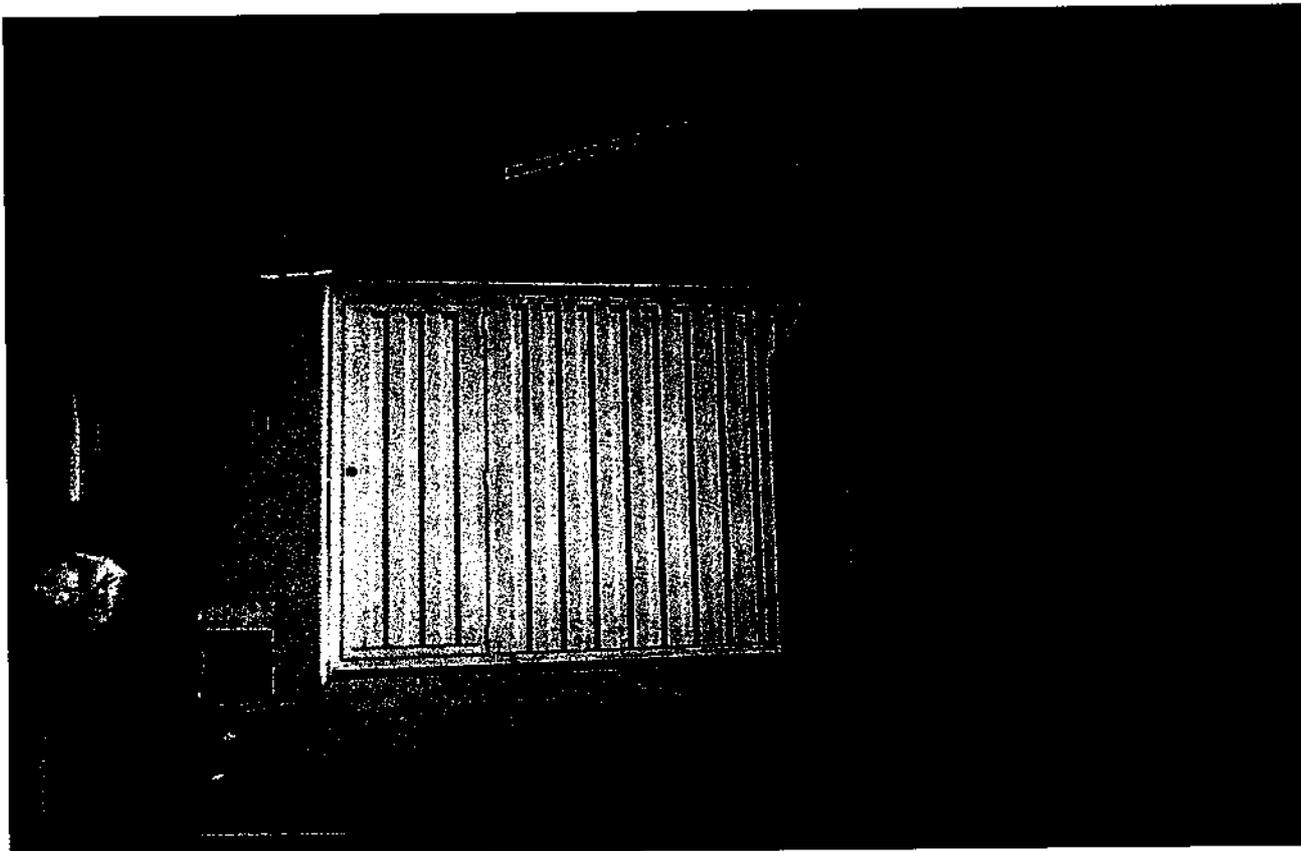
Fotografia 8-13: A florestinha boa, GG, 2007.

“Esta representa uma "florestinha" linda e fresquinha, porque quem está estressado pode ir aí que sai novinho em folha.”



Fotografia 8-14: Futebol, IM, 2007.

"Eu tirei essa fotografia porque eu gosto muito de futebol e eu jogo futebol aí."



Fotografia 8-15: A casa linda, JS, 2007.

"Eu gosto porque essa casa é muito linda, quando eu passo por lá eu sempre olho para essa casa, ela tem portão automático e é muito bonita"



Fotografia 8-16: O parquinho, JG, 2007.

"Eu gosto desta foto porque ela é uma paisagem bonita e é o parquinho que eu brinco"



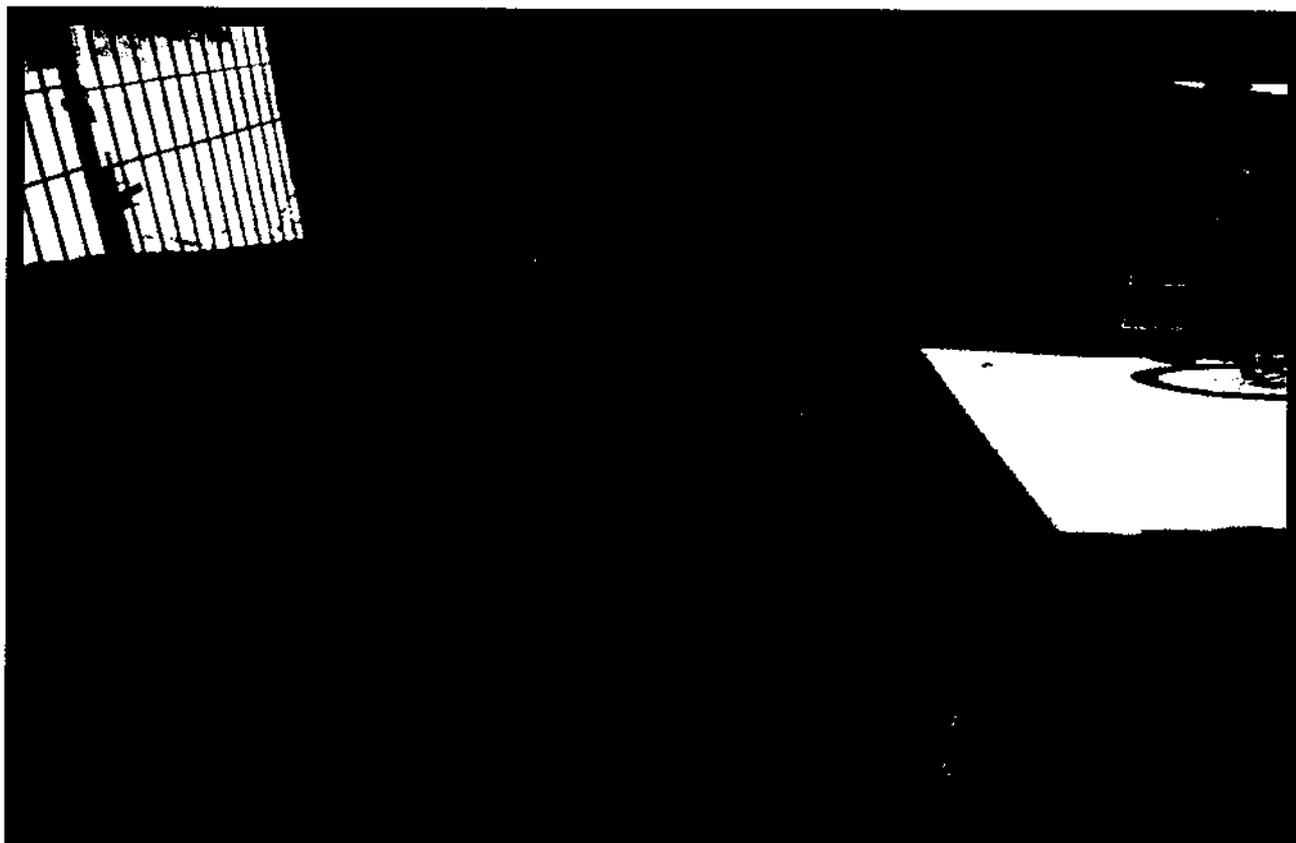
Fotografia 8-17: Onde me escondo, JL, 2007.

"Eu gosto do bairro porque ele tem uma rua excelente, tem bastante brincadeira e moradores muito bons. E tem minha casa que é onde me protejo do frio e da chuva"



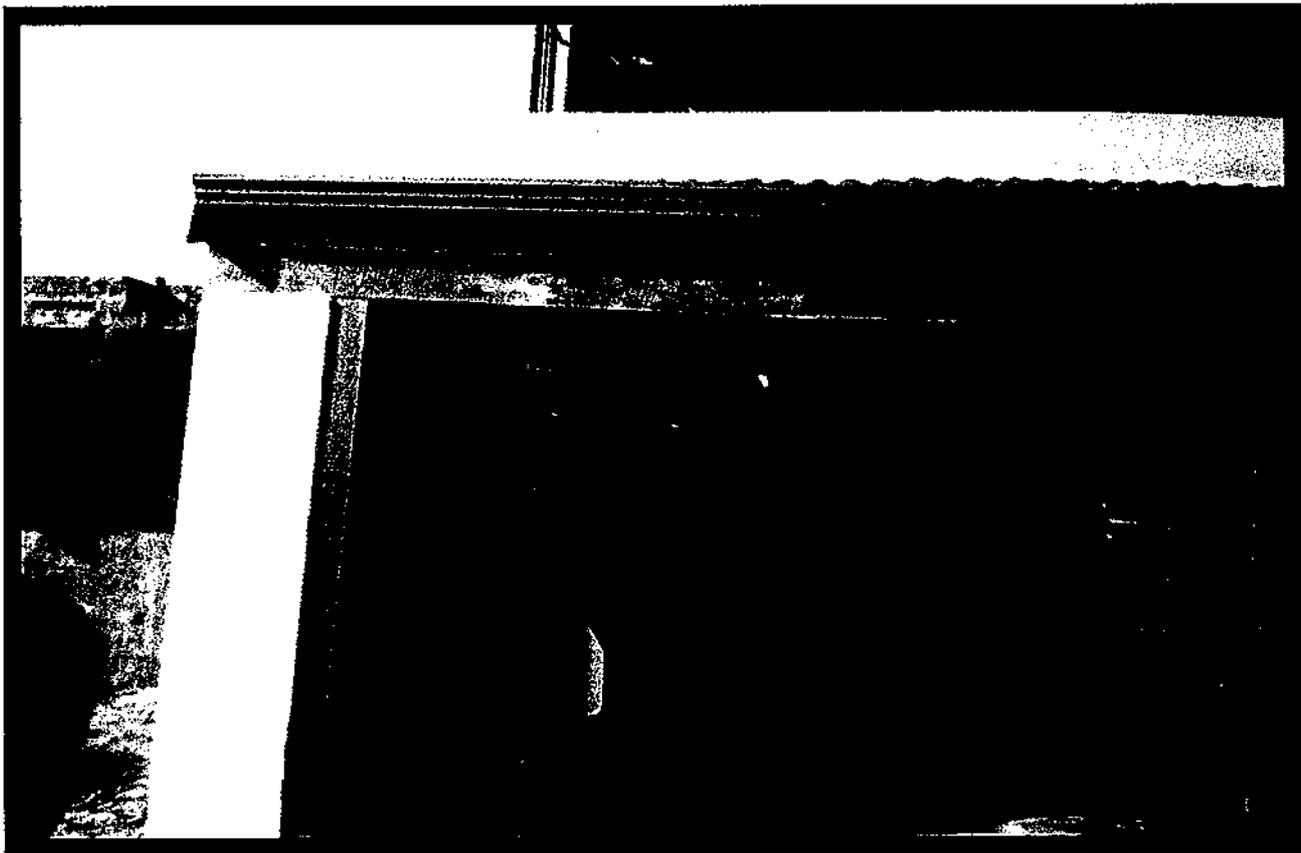
Fotografia 8-18: Futebol, LP, 2007.

"Eu gosto do meu bairro porque tem esporte no campo e o meu esporte favorito é o futebol"



Fotografia 8-19: A super Bola, LFF, 2007.

"Eu gosto do meu bairro porque eu posso jogar futebol com minha super bola e é muito bom jogar futebol"



Fotografia 8-20: A padaria, MCPS, 2007.

"Eu gosto da padaria porque nela dá para comprar coisas e dá para as crianças comprarem doces para levar para a escola e para casa. Também dá para comprar pão para nossa casa. Eles têm gelo, alimentos, frutas, refrigerante, salgadinho, bolo, bolacha e outras coisas."



Fotografia 8-21: A natureza, MS, 2007.

"Eu gosto desse lugar porque as árvores são bonitas e bem tratadas."



Fotografia 8-22: A pracinha, MB, 2007.

“Eu gosto desta pracinha porque ela é bonita, verde por “natureza” e de natureza. Eu brinco nela quando minha mãe deixa. Foi o Seu Caçula, tio da Rafa, que construiu.”



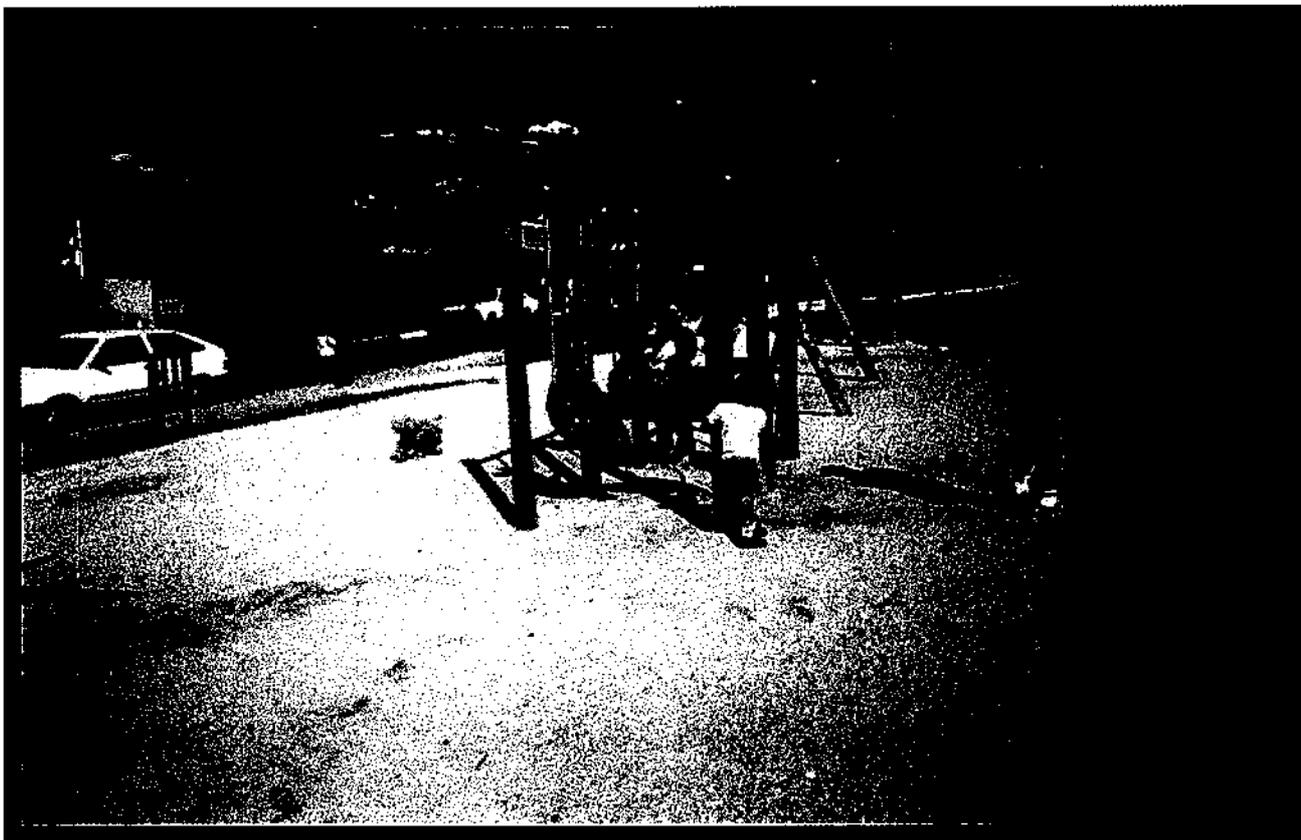
Fotografia 8-23: O ar puro, NS, 2007.

" Eu gosto desse lugar porque ele é muito bonito, tem bastante árvores que deixam o ar puro. Também é um lugar muito gostoso para descansar e eu gosto muito ir lá para descansar."



Fotografia 8-24: A rua da minha casa, RS, 2007.

"Eu gosto dessa rua porque ela está michada, daí a MULECADA pode jogar bola, andar de BICICLETA, etc. Isso me dá a sensação de liberdade."



Fotografia 8-25: O parquinho, RO, 2007.

"Eu gosto desse parquinho porque ele é muito legal. Eu faço bastante amigos, brinco e só me divirto, mas o que eu mais gosto é de uma árvore cheia de frutinha que se chama amora. Lá é legal também porque dá para brincar com areia e brincar com os cachorrinhos. Eu me divirto muito"



Fotografia 8-26: A rua, SS, 2007.

"É a rua da casa onde eu moro e eu brinco nela"



Fotografia 8-27: Futebol, WP, 2007.

"Esse é o campo que eu jogava futebol".



Fotografia 8-28: Eu gosto de jogar futebol, RAR, 2007.

"La perto da minha casa tem um campinho de futebol e eu sempre vou lá jogar com os meus amigos do futebol e nós formamos um time muito legal.

Um dia nós ganhamos de 3 a 1 e ele disse que eu era muito bom no drible.

Esse lugar é um clube chamado Clube dos amigos, lá eu jogo todos os sábados.

Eu tirei essa foto porque gosto de jogar futebol com os meus amigos e a grama é boa para chutar a bola".

9- Sendo Spectador da sua fotografia

Depois de ter revelado todas as fotografias, levei-as para aula, coloquei-as sobre a minha mesa e pedi que cada aluno fosse pegar as suas. Dessa forma todos puderam ver as fotografias uns dos outros. Depois que todos pegaram suas fotografias, entreguei uma folha de papel e pedi que fizessem uma leitura dela e a registrassem por escrito.

Com essa atividade possibilitei que assumissem a posição de *Spectador* da fotografia de que eles também eram *Operator*, ou seja, que experimentassem as duas condições de observação que uma foto comporta, como bem assinala Barthes.

Em seguida, cada um deu um título para suas fotografias e explicou, em forma de texto, o motivo para o recorte selecionado como resposta para o tema proposto.

Na semana seguinte, retornei com as fotografias, separadas por perguntas e coladas em cartolina junto com a justificativa de cada um⁹. Colei esse suporte nas paredes e pedi que eles observassem e lessem os textos feitos por eles.

Depois dessa observação pedi que, aquele que quisesse, comentasse sua fotografia, seu texto ou a fotografia e texto de outros alunos. Alguns alunos se manifestaram justificando suas escolhas e/ou comentando a fotografia de outros alunos.

A partir disso direcionei a conversa, primeiramente, para as fotografias-respostas para a pergunta "*O que eu não gosto do meu bairro?*", para elencarmos os aspectos que foram registrados do bairro e uma possibilidade de melhorá-los.

Eu havia percebido, analisando as fotos produzidas, que para essa pergunta, os temas mais recorrentes foram a poluição e a segurança. Durante a discussão elencamos o que poderia ser feito a esse respeito para uma mudança nas condições por eles

⁹ Não coloquei as fotografias 7-23, 7-26, 8-23 e 8-26, por serem de alunas que foram transferidas após a primeira parte dessa atividade.

destacadas.

As respostas giraram em torno da conscientização das pessoas sobre os problemas que a poluição pode causar, como doenças, enchentes, insetos e roedores. Segundo os alunos uma das soluções para esse problema, seria, além da conscientização, o amor ao próximo, pois esse lixo não irá afetar somente as pessoas que poluem e também quem não polui.

Já para a questão da segurança, que também foi tema recorrente, de forma mais ou menos explícita nas justificativas, as análises das crianças centraram-se em dois fatores: pessoas que são ruins e falta de policiamento necessário no bairro. Como solução apontaram cortar o mato que se acumula em alguns pontos do bairro, para que ninguém pudesse se esconder nesses locais. Quanto aos lugares que são perigosos, a solução apontada foi a presença da polícia. Mas no geral, como forma de resolver esse problema, os alunos apontaram que seria necessário que o governo desse emprego para todo mundo, assim algumas pessoas não teriam mais que roubar. Só no encaminhamento de soluções, a questão social insegurança apareceu, contrapondo-se ao caráter exclusivamente moral enfatizado inicialmente por elas.

Com relação às fotografias-resposta para a pergunta "*O que mais gosto no meu bairro?*" elencamos e discutimos as coisas boas que esse bairro oferece e quais as possibilidades de se criarem mais espaços prazerosos. Em meio às respostas diversas, a recorrência girou em torno do lazer: locais onde se pode brincar.

Tanto em um caso quanto no outro, as fotografias-respostas trouxeram muito do discurso escolar. Isso talvez se deva ao fato de ser uma atividade produzida na escola e seus resultados também serem para a escola, por mais que eu tivesse tentado deixar o máximo de liberdade possível. Nas fotos produzidas, a maioria dos alunos faz uso de "temas" que o discurso escolar veicula e legitima, tais como: poluição, ar puro, segurança, lazer. Isso não quer dizer que o não sejam válidas suas respostas, só que em um outro

contexto, num contexto não-escolar, as respostas poderiam ter sido outras.

As atividades estavam prontas, mas não estavam acabadas, era necessário que déssemos uma finalização "oficial" aquele trabalho e que ele tivesse também um outro direcionamento, circulando como produção cultural, mais do que escolar.

Para isso era preciso romper o circuito do trabalho produzido para a professora. Os alunos, na posição de *Operator*, queriam que suas fotografias tivessem uma circulação, que outras pessoas pudessem vê-las. E isso eu também queria.

Conversamos várias formas de assegurar a circulação desse trabalho. Alguns sugeriram "colocar na internet", já que várias das fotografias com que eles trabalharam eu havia tirado de lá. Porém essa idéia foi muito rejeitada pela maioria dos alunos, já são poucos os quem têm acesso a esse meio de comunicação.

Expliquei então que as fotografias em geral podem circular de várias formas: exposições, livros, etc. Com isso, chegamos à conclusão de que a exposição na escola seria uma boa forma de fazer circular sua produção de modo a que outras pessoas tivessem conhecimento do trabalho que eles haviam realizado. Porém a idéia da exposição não deu certo.

Era preciso arrumar um outro jeito de mostrar essas fotografias. Depois de muita conversa, concluímos que faríamos um livro e deixaríamos na biblioteca da escola. Um livro com todas as fotografias e comentários dos alunos e depois autografado por todos os participantes.

10- Olhares atentos

Depois de iniciado o trabalho mais sistemático com a fotografia em sala de aula, passei a reunir alguns indícios de seus efeitos nos comportamentos de meus alunos que me apontaram olhares mais atentos e leituras mais amplas da fotografia.

A partir das atividades de leitura e produção de fotografias percebi uma maior atenção dos alunos em relação às imagens (fotográficas ou não) que aparecem no material didático ou nas revistas e jornais que vêm para a sala de aula como material de recorte, pesquisa, leitura ou como suporte informativo para o que estamos estudando. Como no material didático utilizado essa é uma solicitação recorrente, os alunos estão constantemente em contato com esses materiais em sala de aula. Percebi essa maior atenção às imagens mesmo quando a proposta de utilização de revistas não estava centrada nelas.

Alguns alunos passaram a observar por mais tempo imagens que lhes chamavam a atenção e, em alguns casos, passaram até a fazer comentários com outros alunos ou comigo sobre algumas delas, indicando, muitas vezes, tentativas de compreender as possíveis intenções que orientaram a sua produção.

Descrevo a seguir um episódio que me chamou a atenção e desdobrou-se em novas frentes de trabalho com a leitura de imagens fotográficas.

Quase ao final do terceiro bimestre, em uma aula de ciências, em que a proposta era que pesquisassem em revistas e jornais sobre a água, podendo ser imagens, entrevistas ou notícias, percebi que havia um grupo que estava falando muito alto e não era sobre o assunto da pesquisa. Decidi ir até esse grupo para ver sobre o que estavam conversando. Quando cheguei a conversa não parou, como era de costume quando conversam coisas alheias as tarefas. Fiquei quieta escutando até que um aluno,

aproveitando minha presença, perguntou o que eram microorganismos. Respondi que eram organismos muito pequenos que só dava para ver com microscópio. Ele então me respondeu que não, que dava para ver na fotografia também e mostrou-me a imagem que ele retirara de uma revista da *National Geographic*:



Fotografia 10-1: Essa fotografia é de microorganismos na África, Grupo1.

A legenda da foto informava que nesse local vivem microorganismos e que, por ser uma crosta salgada, é criada uma cobertura rosada.

Os alunos do grupo comentavam que o avião estaria muito alto, pois na fotografia tudo parecia bem pequeno e que isso era na África onde a maioria das pessoas são muito pobres e não têm muito para comer e também existem várias doenças que os prejudicam. Ainda comentariam que era uma pena que em um espaço tão grande, quanto o da foto, não fosse possível plantar, pois isso diminuiria a fome deles.

Durante a conversa com esse grupo um outro aluno veio me chamar, pois tinham

algumas dúvidas em relação ao trabalho e fui atendê-los.

O grupo da fotografia da África começou a andar pela sala, procurando todas as revistas *National Geographic* disponíveis, para poderem ver. A certa altura esse comportamento causou um desentendimento entre os alunos, pois alguns grupos queriam saber o motivo do quase confisco de todas aquelas revistas.

Mediando a discussão criada, ouvi do grupo a justificativa de que queriam a revista porque nela havia fotografias bem legais e eles queriam ver. Com essa explicação um outro grupo que já havia lhes entregado as revistas pediu-as de volta, porque também queria ver as fotografias legais.

A procura por material fotográfico de qualidade soou-me como uma agradável resposta ao meu incômodo diante das fotos ilustrativas do livro didático e reforçou minha crença de que só escolhermos quando temos acesso à diversidade.

O episódio descrito desdobrou-se em novas atividades de leitura porque para resolver o impasse criado em torno das revistas, sugeri que trocassem as revistas entre si, e como uma forma de aproveitar essa ocasião, pedi que cada grupo escolhesse uma imagem fotográfica nessas revistas.

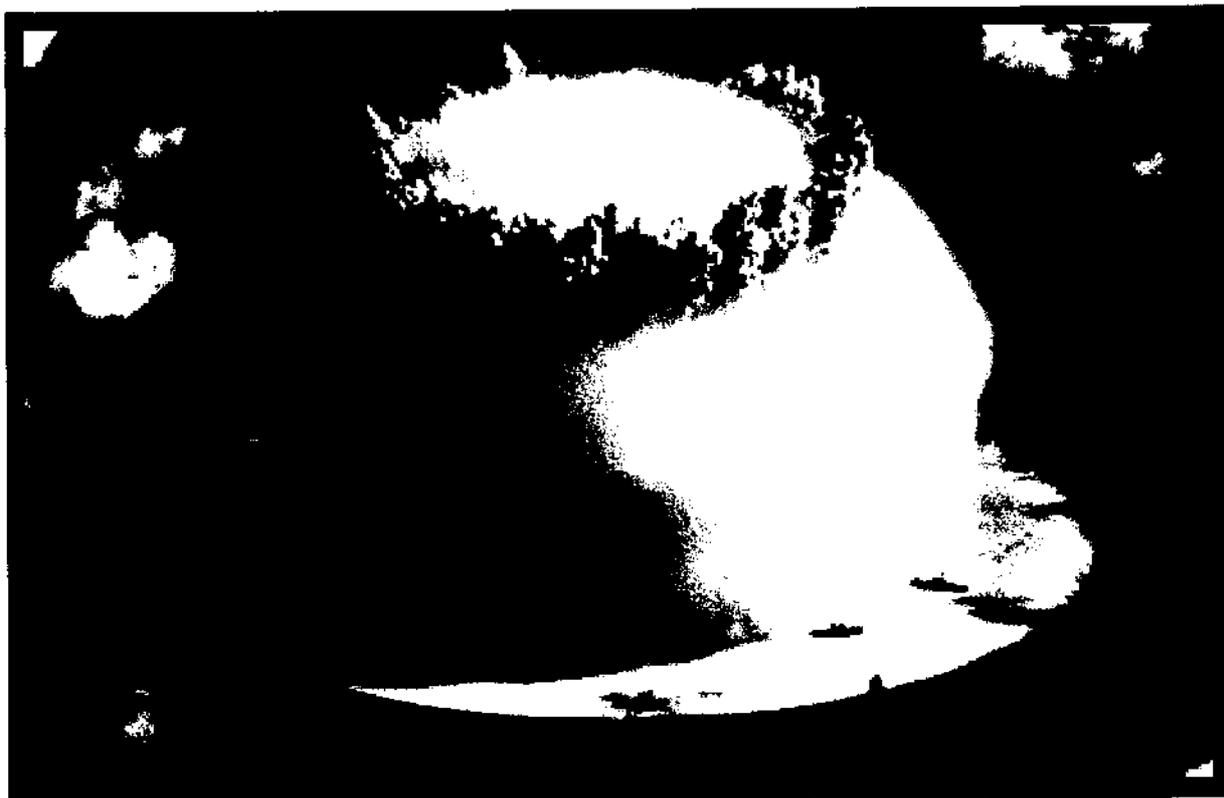
As imagens que eles escolheram foram essas:



Fotografia 10-2: Fotografia de Chernobyl, Grupo 2



Fotografia 10-3: Fotografia de uma tribo num ritual, Grupo 3.



Fotografia 10-4: Fotografia da bomba atômica, Grupo 4.



Fotografia 10-5: Fotografia da passagem de um tornado, Grupo 5.

Eles escolheram as fotografias e um aluno de cada grupo ficou responsável por guardá-las e trazê-las no dia seguinte, quando apresentaram a foto para a classe, explicando o porquê da escolha. Propus que as fotografias circulassem entre os alunos de modo a que cada criança pudesse ver as imagens fotográficas escolhidas. Nesse momento de circulação das fotos, os alunos interagiam explicando o que era cada fotografia e, dessa forma, o motivo das escolhas de alguma forma se tornava mais visível.

Depois que todos observaram as fotografias, decidi retomar uma discussão que tivemos no primeiro bimestre, sobre o tema das fotos e em que a fotografia poderia ser utilizada. Os alunos participaram da conversa e concepções sobre a fotografia foram modificadas pela incorporação de novas idéias sobre ela.

Algumas dessas falas, que gravei e transcrevi, revelam tanto concepções mais restritas, quanto considerações bastante ampliadas das possibilidades da fotografia como linguagem.

"A fotografia é pra mostrar pra pessoas o que existe. Quando a gente vê a fotografia a gente sabe que aquilo que tá na fotografia existe em algum lugar."

"A gente pode não conhecer o lugar da foto, mas a gente sabe que ele tá lá onde o moço tirou a foto."

"Ah, não é não. Não são todas as fotos. Porque tem foto que o moço mexe no computador e pode mudar algumas coisas. Meu irmão disse que nas fotos das revistas, as mulheres não são daquele jeito e o computador tira e põe um monte de coisa."

"Mas eu tô falando da foto que a pessoas não querem enganar ninguém."

"Nas fotos que as pessoas não mudam nada a gente pode saber que o lugar da fotografia é de verdade, não é Dona?"

Evidenciou-se que, mesmo não tendo acesso a computadores, meus alunos sabem que existem programas que podem manipular a imagem fotográfica, inserindo, retirando ou modificando algumas coisas e sabem que se esses recursos são utilizados em fotos de modelos, podem se usados para outros tipos de fotografias.

A discussão acabou desviando para o que seria real ou não nas modelos e nas fotos. Interferi refazendo a pergunta para o que serve a fotografia e retomando a discussão de onde havia parado antes dos comentários sobre as modelos.

Mais comentários vieram sobre a intenção do fotógrafo.

“ É, mas tem foto que é a pessoa quer dizer alguma coisa. Quer que a gente pense um monte de coisa.

“É que tem fotografia que quando a gente olha a gente pensa um monte de coisa. O moço que tirou a foto não fica pensando no que a gente vai pensar, porque ele não sabe o que a gente pensa. Ele acha aquilo bonito e legal e tira a foto.

“É porque pode ser que ele ache uma coisa legal e a gente não. E pode ser que ele não ache legal, pode ser o trabalho dele. Tem pessoa que o trabalho dele é esse, não é Dona? Igual do Sebastião, o trabalho dele é tirar foto dos lugares que ele vai passear.

“Dona. Não pode ser que a pessoa que fotografou só tirou a foto porque tinha que tirar? Não quer dizer que ela gosta da fotografia, mas a gente quando olhar para a fotografia pode gostar muito? Ou eu posso gostar muito e o Lucas pode não gostar. Ou ninguém pode gostar só a pessoa que tirou a fotografia.”

“ É verdade porque aquele foto que o grupo do Alex fez o texto eu não gostei eu não escolhi aquela foto porque eu achei feia mais ele gostou.”

“ Mas depois que ele leu o texto dele você gostou um pouquinho dela.”

“Gostei só um pouquinho, mas eu acho ela triste. É de guerra.”

Nessas falas percebo que, de alguma forma as crianças compreenderam que a recepção da imagem fotográfica, como Kossoy (2002) diz, é um *processo de construção da interpretação* que é diferente para cada observador e que vai depender do repertório cultural, do momento histórico, etc.

Identifiquei nos dizeres das crianças que compreenderam, em alguma medida, que a intenção do fotógrafo não é apenas de ordem pessoal e que há também uma intenção ou motivação nossa, como leitores da foto. Ou seja, que no *processo de construção da representação* há escolhas e intencionalidades.

“Mas a fotografia de produto, que nem aquelas que têm na revista não quer

dizer nada, é só para a pessoa olhar e comprar. Só que às vezes parece que ela é mais bonita na fotografia do que verdade.”

“É que nem minha mãe comprou um armário para cozinha e na fotografia era muito bonito, só que quando o moço foi lá colocar ele na cozinha da minha casa ele não era bonito que nem da foto.”

“ Ah, é que nessa foto eles colocam um monte de coisa que não tem as sua casa, por isso que na foto é mais bonito. Pra ficar igual da foto você tem que comprar tudo que tem na foto.”

Para concluir a discussão e prosseguir com outras atividades planejadas para aquele dia, pedi aos alunos que resumissem a nossa conversa:

“ ah, dona a foto pode servir para um monte de coisa: para mostrar alguma coisa para você comprar, para mostrar algum lugar, para provar que você foi em algum lugar, para provar que alguém existiu, para mostrar como alguém é, se você não mexer no computador, para mostrar como foi que a bomba explodiu, porque a gente não podia tá lá.”

“Também serve para mostrar como alguém vive em algum lugar, o que acontece em algum lugar, para provar que o lugar existe, para você não esquecer de alguma coisa.”

“E tem foto que serve para você mostrar alguma coisa que você acha legal, eu posso achar legal uma pedra e tirar a foto da pedra ou do cachorro, ou do muro, ou da planta, ou do rádio, ou da casa, ou da comida. Não é verdade Dona?”

“E a foto também quer dizer alguma coisa para você, ou você achar que ela quer dizer alguma coisa, mas só você achar isso ou todo mundo pode achar. Não é verdade, dona? Quando você tira a foto pode querer mostrar alguma coisa bonita para alguém ou nem pode ser bonita, mas você pode querer mostrar para alguém. Quem num texto que a gente escreve, ele pode ser só uma coisa que a gente quis fazer sem dizer nada de importante, ou pode escrever querendo dizer um monte de coisa importante (...) eu acho que é isso.

Nesses comentários e em pequenos detalhes de suas atitudes durante o trabalho

fui percebendo que vários alunos passaram a ter uma idéia mais ampla das possibilidades da fotografia e dos caminhos possíveis que ela pode abrir e percorrer como uma forma de linguagem.

Um outro episódio que despertou minha atenção foi a conversa que estabeleci com uma mãe, na qual percebi que as crianças levaram, de algum modo, as atividades vividas para fora da escola. A mãe mostrou-me uma câmera digital simples e me perguntou se ela era igual à do Sebastião, pois seu filho queria uma câmera igual a do "Sebastião", referindo-se a Sebastião Salgado. Ela queria saber quem era o Sebastião e contou-me que o filho vivia fotografando os cachorros, gatos, plantas, pedras, paisagens, etc. com a câmera que ganhara do tio.

Esses indicadores ajudaram-me a perceber que meu intuito com esse trabalho foi alcançado. O que eu queria era possibilitar, a meus alunos, a relação com outras formas de linguagem, além da linguagem falada ou escrita, considerando que seria importante, em um mundo em que a imagem vem ocupando um lugar cada vez mais central, compreender que nem todas as linguagens são idiomáticas e que a fotografia é justamente uma dessas linguagens. (Boal, 1977, p.125). Ela não é a única, é apenas uma entre tantas outras linguagens não faladas e não escritas que, como assinala Boal, no trecho citado a seguir, também nos ajudam a conhecer o real e a compartilhar esse conhecimento com nossos contemporâneos.

O domínio de uma nova linguagem oferece, à pessoa que a domina, uma nova forma de conhecer a realidade, e de transmitir aos demais esse conhecimento. Cada linguagem é absolutamente insubstituível. Todas as linguagens se complementam no mais perfeito e amplo conhecimento do real. Isto é, a realidade é mais perfeita e amplamente conhecida através da soma de todas as linguagens capazes de expressá-la. (Boal, 1977, p.125).

11- Breves considerações finais

Esse trabalho não se iniciou no começo desse ano, acredito que seu início, na verdade, está lá, na minha infância, quando nasce minha paixão pela fotografia e com ela a impossibilidade de ter acesso livre aos meios necessários para praticá-la. Desejo e impossibilidade, combinados, impulsionaram a professora, que sou hoje, a possibilitar aos seus alunos, ao menos uma vez, o acesso à prática fotográfica.

A fotografia tem uma linguagem, a linguagem fotográfica, que não se limita ao retrato, á foto midiática ou jornalística. Através dela pode-se dizer, perceber e/ou compreender muita coisa. E foi isso que tentei passar aos alunos durante esse trabalho.

Para tanto não podia simplesmente dizer sobre ou entregar-lhes a câmera. Foram necessárias atividades, conversas, discussões que pudessem ajudá-los nos primeiros passos em direção a essa nova linguagem.

Minha pretensão com esse trabalho não foi nunca a de transformar as crianças em fotógrafos ou ensinar-lhes a parte técnica da prática fotográfica. Apenas possibilitar-lhes a atenção às imagens fotográficas, já que elas estão sempre presentes em nosso cotidiano por meio de revistas, jornais, internet, televisão, etc., e o início de um questionamento acerca das leituras possíveis que as imagens fotográficas comportam.

Porém esse trabalho repercutiu em minha formação, afetando aspectos que escaparam a minhas previsões. As atividades com as fotografias ajudaram minha atuação como professora. Por ser o meu primeiro ano como professora, foi importante ter uma área em que eu me sentisse segura, e a fotografia me possibilitou isso. Ela também serviu de ponto de apoio para vários aprendizados meus e das crianças. Por exemplo, com as atividades relativas á leitura das fotos aprendi a organizar e conduzir os grupos, a

esclarecer as dúvidas dos alunos a questioná-los para que fossem mais além das suas percepções iniciais. Com as fotografias, levei para a sala outras atividades e outros conteúdos que mesmo não estando previstos mediaram a elaboração do conteúdo exigido pela escola. As fotografias possibilitaram-me uma proximidade com os alunos, tanto pelas questões organizacionais envolvidas quanto pelos olhares e sentidos que pudemos compartilhar.

Não recebi nenhum tipo de ajuda financeira da escola para essas atividades, porém nem mesmo solicitei, já que sabia que a direção naquele momento tinha outras prioridades e o custeio dessa atividade não seria possível. Todos os custos foram pagos por mim, mas os indícios de aprendizado de meus alunos e meus indicam que valeu a pena ter me experimentado nesse percurso e ter possibilitado a eles o acesso à fotografia como linguagem.

A experiência deixa-me uma pergunta: o que aconteceria se a escola possibilitasse aos seus alunos momentos de análise e discussão das imagens, da fotografia, dos signos fotográficos? E se educássemos também o olhar, a percepção pela imagem, ou seja, se tratássemos a imagem como uma linguagem com suas técnicas, signos e significações?

Bibliografia

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. *Fotos e palavras, do campo aos livros*. Revista STUDIUM nº12. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/12/1.html?studium=index.html>>. Acessado em: 20 de maio de 2007.
- ALMEIDA, M. J. *Imagens e sons: a nova cultura oral*. São Paulo: Cortez, 1994
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BOAL, Augusto. Uma experiência de teatro popular no Peru. In: *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Portugal, Civilização Brasileira, 1977. 2ª Edição.
- CUNHA, Marcelo Carneiro da. *Antes que o mundo acabe*. Porto Alegre: Editora Projeto, 2003. 4ª Edição.
- DUBOIS, Philip, *O ato fotográfico*. São Paulo: Papyrus, 1993.
- MARQUES, Mario Osório. *História visual da formação de Ijuí – Rio Grande do Sul*. Ijuí, UNIJUÍ Ed., 1990.
- SHULTZE, Ana Maria. *Fotografia e educação: a escola como formadora de leitores críticos da imagem midiática*. Revista STUDIUM nº18. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/18/01.html?ppal=index.html>>. Acessado em: 20 de maio de 2007.
- SOUZA, Solange Jobim e; LOPES, Ana Elisabete. *Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola*. Cad. Pesqui. , São Paulo, n. 116, 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de maio de 2007.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro, Arbor, 1981
- KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

